

Max Heindel

INICIAÇÃO ANTIGA E MODERNA

Ancient and Modern Initiation

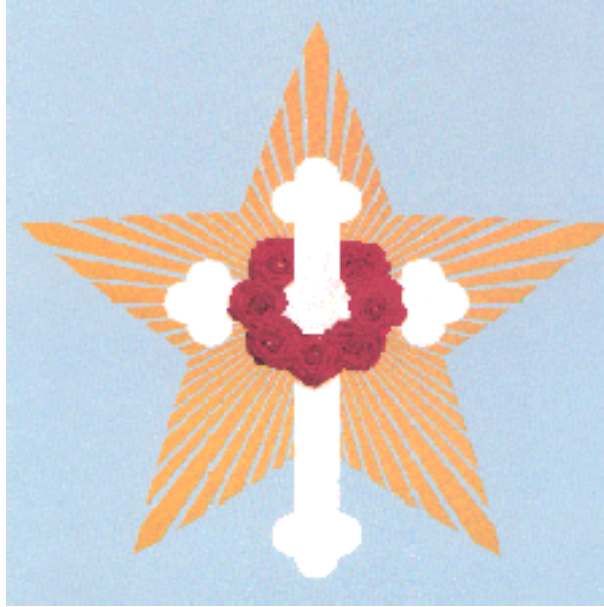
(1931)



BIBLIOTECA UPASIKA

www.upasika.com

Colección “Rosae Crucis” N° 29-A



**LA
FRATERNIDAD
ROSACRUZ**

THE ROSICRUCIAN FELLOWSHIP

P.O. Box 713

Oceanside, CA. 92049-0713 USA

<http://www.rosicrucian.com/foreign/spanish.htm>

Spanish@rosicrucianfellowship.org

SUMÁRIO

Prefácio *página 5.*

PARTE I O TABERNÁCULO NO DESERTO

Capítulo I

O Templo de Mistérios Atlante, *página 7.*

O Tabernáculo no Deserto.

O Átrio do Tabernáculo.

Capítulo II

O Altar de Bronze e o Lavabo, *página 11.*

O Lavabo de Bronze.

Capítulo III

Sala Leste do Templo, *página 17.*

O Místico significado da Sala Leste e seu Mobiliário.

O Candelabro de Ouro.

Sala Leste – O Lugar Santo e a Sala Oeste – O Sanctum Sanctorum.

A Mesa dos Pães da Proposição.

O Altar do Incenso.

Capítulo IV

A Arca da Aliança, *página 22.*

A Vara de Arão.

Capítulo V

A Sagrada Glória de Shekinah, *página 27.*

O Tabernáculo no Deserto.

“A Sombra das Boas Coisas que Virão”.

A Sombra da Cruz.

A Lua Cheia como um fator de crescimento anímico.

Capítulo VI

A Lua Nova e a Iniciação, *página 32.*

PARTE II A INICIAÇÃO MÍSTICA CRISTÃ

Capítulo I

A Anunciação e a Imaculada Conceção, *página 36.*

**Iniciação Mística Cristã.
A Anunciação e a Imaculada Conceção.**

Capítulo II
O Ritual Místico do Batismo, página 42.
Ascensão.

Capítulo III
A Tentação, página 47.

Capítulo IV
A Transfiguração, página 50.
Transfiguração.

Capítulo V
A Última Ceia e o Lava-Pés, página 56.

Capítulo VI
Getsëmani, O Horto da Agonia, página 59.

Capítulo VII
O Estigma e a Crucificação, página 62.

PREFÁCIO

O conteúdo deste livro apresenta algumas das gemas mais preciosas em relação aos profundos aspectos da religião cristã. São elas o resultado das investigações espirituais do inspirado e iluminado Max Heindel, o mensageiro autorizado dos Irmãos Maiores da Rosacruz, os quais estão trabalhando para disseminar por todo o Mundo Ocidental, o intenso significado espiritual que está ao mesmo tempo oculto e revelado na religião cristã.

Os vários e importantes passos que marcam a vida de nosso Salvador, Cristo Jesus, formam o plano geral da Iniciação da humanidade. Nesta obra, Max Heindel oferece-nos uma visão mais completa e mística deste processo alquímico que se realiza no corpo humano. Somos “um pouco menos que os anjos... e não demonstramos ainda o que chegaremos a ser”.

Este volume será um acréscimo valioso às bibliotecas e organizações religiosas de todo o mundo. Fará soar uma nova melodia para inspiração e encorajamento dos que trabalham em Seu nome.

A Fraternidade Rosacruz possui uma herança inestimável pela oportunidade de promulgar, nesta época tumultuada da evolução espiritual dos homens e das nações, os ensinamentos esotéricos pertencentes à Igreja Cristã. “A quem muito é dado, muito será exigido”. Portanto, é com espírito de reverência e humildade que a Fraternidade Rosacruz coloca os inestimáveis ensinamentos deste livro a serviço da humanidade.

Possa sua Verdade iluminar, sua Sabedoria guiar, e seu Amor envolver todos aqueles que participam desta Água da Vida. E que cada um que se aproximar para beber dela, possa encontrar o Iluminado Caminho que aqui esboçamos.

“O reino de Deus é semelhante a um mercador que procura pérolas preciosas. Quando encontra uma de grande valor, vende tudo que possui para comprá-la”.

PARTE I
O TABERNÁCULO NO DESERTO



O Antigo Templo de Mistérios Atlante

CAPITULO I

O TEMPLO DE MISTÉRIOS ATLANTE

DESDE que a humanidade - os filhos pródigos espirituais de nosso Pai Celestial - perambulou pelos desertos do mundo e se alimentou dos prazeres que destroem a alma - como a fome destrói o corpo - existe no coração do homem uma voz silenciosa que o chama de volta ao lar. Entretanto, muitas pessoas estando totalmente absorvidas por interesses materiais, não podem ouvi-la. O Maçom Místico que ouviu essa voz interior, sente um impulso interno para procurar a Palavra Perdida e construir a casa de Deus, um templo do espírito, onde possa encontrar-se com o Pai, face a face, e responder ao Seu chamado.

Ele não está só nessa busca, pois o nosso Pai Celestial preparou para todos um caminho com indicações que nos levarão até Ele, se seguirmos essa direção. No entanto, como esquecemos a divina Palavra e seríamos incapazes de compreender o seu significado, o Pai fala-nos na linguagem simbólica que, ao mesmo tempo, encobre e revela as verdades espirituais que devemos entender antes de voltarmos a Ele. Do mesmo modo como oferecemos aos nossos filhos livros com gravuras para revelar-lhes conceitos incompreensíveis às suas mentes infantis, assim também cada símbolo dado pôr Deus tem um profundo significado, incompreensível se não fosse exemplificado dessa maneira.

Deus é espírito e em espírito deve ser adorado. Por isso, é totalmente desnecessário tentar idealizar uma forma material d'Ele, pois nada que imaginarmos conduziria a uma idéia adequada. Mas, do mesmo modo que saudamos a bandeira de nosso país com alegria e entusiasmo porque desperta em nós os sentimentos mais ternos pelo lar e por nossos entes queridos e, em conseqüência, suscita os nossos mais nobres impulsos por ser um símbolo de tudo que mais prezamos, assim também agem os diferentes símbolos divinos dados à humanidade de tempos em tempos, aquele acervo de verdades que já estão em nossos corações e despertam nossa consciência para as idéias divinas que transcendem as palavras. Contudo, o simbolismo, que realizou um papel importante em nossa evolução passada, é ainda uma necessidade primordial em nosso desenvolvimento espiritual. Daí a conveniência de estudá-lo com nosso coração e nosso intelecto.

É óbvio que, assim como nossa atitude mental de hoje depende de como pensamos ontem, também nossa condição e circunstâncias no presente dependem de como trabalhamos ou negligenciamos no passado. Cada novo pensamento ou idéia que nos chegam, devem ser considerados sob a luz de nossas experiências anteriores, e assim compreendemos que o nosso presente e o nosso futuro são determinados por vivências passadas. De modo semelhante, o caminho para o desenvolvimento espiritual que palmilhamos em existências passadas, determina nossa atitude presente e a rota que devemos seguir a fim de atingir nossas aspirações. Por isso, não podemos obter qualquer

perspectiva verdadeira de nosso futuro desenvolvimento, enquanto não nos familiarizarmos primeiramente com o passado.

É em reconhecimento desse fato que a Maçonaria moderna retrocede ao templo de Salomão. Mas, com o objetivo de obter uma perspectiva mais ampla, devemos considerar também o antigo Templo de Mistérios Atlante, o Tabernáculo no Deserto. Devemos entender a importância pertinente àquele Tabernáculo e também a do primeiro e segundo Templos, pois havia diferenças vitais entre eles, sendo cada um dotado de significado cósmico próprio. Mas, dentro de todos eles projetava-se a sombra da Cruz, salpicada com Sangue que se converteu em Rosas.

O Tabernáculo no Deserto

Lemos na Bíblia, a história de como Noé e o remanescente de seu povo, salvos com ele no dilúvio, formaram o núcleo da humanidade da Idade do Arco-íris, na qual vivemos agora. Também se afirma que Moisés conduziu seu povo para fora do Egito, para a terra do Touro, Taurus, através das águas que traram seus inimigos. Levou seu povo a salvo, como um povo escolhido, para adorar o Cordeiro, Aries, em cujo signo o Sol entrava por precessão dos equinócios. Estas duas narrativas referem-se ao mesmo incidente, conhecido como a emersão da humanidade infantil do submerso Continente Atlante à presente idade dos ciclos alternantes, onde verão e inverno, dia e noite, fluxo e refluxo sucedem-se ininterruptamente. A humanidade, que acabava de ser dotada com a mente, começou a notar a perda da visão espiritual que possuía até então, e sentiu saudades do mundo espiritual e de seus guias divinos, nostalgia que permanece até os dias atuais. Os homens nunca cessaram de lastimar essa perda. No entanto, o antigo Templo de Mistérios Atlante, o Tabernáculo no Deserto, foi-lhes dado para que pudessem encontrar Deus quando se qualificassem pelo serviço e tivessem subjugado a natureza inferior pelo Eu Superior. Designado por Jeová, representava a incorporação de grandes verdades cósmicas ocultas pelo véu do simbolismo, o qual falava à natureza interna ou Eu Superior.

Em primeiro lugar, é digno de nota que este Tabernáculo, delineado por ordem divina, tenha sido dado a um povo escolhido, que deveria construí-lo graças a ofertas voluntárias doadas com prazer e devoção. Reconhecemos aqui uma lição especial, segundo a qual o modelo divino do caminho para o progresso nunca é dado àquele que não fez primeiro uma aliança com Deus, prometendo servi-Lo, oferecendo-Lhe o sangue de seu coração numa vida de serviço sem egoísmo. O termo “Maçom” deriva de phree messen, um termo egípcio que significa “Filhos da Luz”. Na linguagem maçônica, Deus é conhecido como o Grande Arquiteto. *Arche* é uma palavra grega que significa “substância primordial”. *Tekton* em grego significa construtor. Diz-se que José, o pai de Jesus, era um “carpinteiro”, mas a palavra grega é *tekton*, um construtor. Diz-se também que Jesus era um “*tekton*”, um construtor. Desse modo, cada verdadeiro Maçom Místico é um filho da luz, um construtor, esforçando-se por edificar o templo místico de acordo com o modelo divino que lhe foi dado por nosso Pai no Céu. A esse fim ele dedica todo o seu coração, alma e mente. Sua aspiração é, o(deveria ser, “tornar-se o maior no reino de Deus” e para isso ele deve ser o servo de todos.

O próximo ponto digno de nota é a localização do Templo com relação aos pontos cardeais, e observamos que foi colocado na direção de leste para oeste. Assim, vemos que o caminho da evolução espiritual é o mesmo do Sol: vai de leste para oeste. O aspirante entrava pela porta do leste e seguia até o Altar dos Sacrifícios, o Altar de Bronze; depois continuava até o Lugar Santo, na parte mais oeste do Tabernáculo, onde a Arca, o maior dos símbolos, estava colocada no Sanctum-Sanctorum. Assim como os sábios do Oriente seguiram a estrela do Cristo em direção ao oeste até Belém, assim também o centro espiritual do mundo civilizado caminha sempre para o oeste, e hoje, a onda espiritual, que começou na China nas praias ocidentais do Pacífico, chegou agora às praias orientais do mesmo oceano, onde está reunindo forças para erguer-se uma vez mais através de sua cíclica jornada pelas águas, para recomeçar, num futuro distante, uma nova jornada cíclica ao redor da Terra.

A natureza ambulante deste Tabernáculo no Deserto é, portanto, uma excelente representação simbólica da natureza migratória do homem, um eterno peregrino, passando sempre do limite do tempo à eternidade, para voltar novamente. Como um planeta revolteia em sua jornada cíclica ao redor do sol primitivo, assim também o homem, o pequeno mundo ou microcosmo, viaja numa dança cíclica ao redor de Deus, a fonte e a meta de tudo.

O grande cuidado e atenção aos detalhes relativos à construção do Tabernáculo no Deserto, mostra que existe algo, muito além do que a visão alcança, que se intentou na sua construção. Sob a aparência material e terrena estava esquematizada uma representação de fatos celestiais e espirituais que continham instruções aos candidatos à Iniciação. Não deveria esta reflexão estimular-nos a procurar uma ligação familiar mais íntima com este antigo santuário? Certamente ele nos exorta a considerar todas as partes do seu plano com atenção e reverência, recordando, a cada passo, a origem divina de todo ele, e humildemente almejar penetrar, através das sombras dos serviços terrenos, na sublime e gloriosa realidade espiritual, à qual, de acordo com a sabedoria do espírito, se oferece para nossa solene contemplação.

Para que possamos alcançar uma correta concepção desse lugar sagrado, devemos considerar o Tabernáculo em si mesmo, seu mobiliário e seu átrio. A ilustração da página 29 pode ajudar o estudante a formar uma melhor concepção do interior dele.

O Átrio do Tabernáculo

Era um cercado que circundava o Tabernáculo. Seu comprimento era o dobro da sua largura e a entrada localizava-se a leste. Essa entrada era cercada por uma cortina de linho fino entrelaçado nas cores azul, vermelho e púrpura, cores que nos indicam a importância deste Tabernáculo no Deserto. No sublime Evangelho de João, aprendemos que: “Deus é Luz”, e nenhuma outra descrição ou similaridade pode transmitir tão bela concepção ou maior iluminação para nossa mente espiritual do que essas palavras. Se considerarmos que até os mais poderosos telescópios falham ao tentar atingir os limites da luz, apesar de penetrarem no espaço milhões e milhões de quilômetros, essa afirmação dá-nos uma fraca mas compreensível idéia da infinidade de Deus.

Sabemos que essa Luz, que é Deus, se refrata nas três cores primárias que circundam o nosso planeta -azul, amarelo e vermelho. E é um fato do conhecimento de todo ocultista que o raio do Pai é azul; o do Filho é amarelo e o do Espírito Santo é vermelho. Somente o raio mais forte e mais espiritual tem possibilidade de penetrar o centro da consciência da onda de vida do reino mineral e, por isso, vemos o raio azul do Pai refletindo-se nas brumas das campinas, suspenso como um nevoeiro sobre as montanhas e refletindo-se no fundo dos abismos. O raio amarelo do Filho, mesclado ao azul do Pai, dá vida e vitalidade às plantas, que devolvem uma cor verde por incapacidade de reter os raios dentro de si. Mas, no reino animal, ao qual anatomicamente pertence o homem ainda não regenerado, os três raios são absorvidos e o raio do Espírito Santo imprime-lhe a cor vermelha da sua carne e do seu sangue. A mescla do azul e vermelho evidencia-se na cor púrpura do sangue envenenado pelos múltiplos pecados. Mas o amarelo não se manifestará como corpo-alma, até que o “Dourado Manto Nupcial” da noiva mística do Cristo místico seja emanado de dentro.

Por isso, as cores dos véus do Templo, tanto no portão como na entrada do Tabernáculo, mostravam que essa estrutura foi projetada num período anterior à vinda do Cristo, pois continha somente as cores azul do Pai e vermelha do Espírito Santo, que juntas formam a cor púrpura. Mas o branco é a síntese de todas as cores, portanto, o raio amarelo de Cristo achava-se oculto nessa parte do véu até a chegada do Cristo, que veio para emancipar-nos desses regulamentos e leis e iniciar-nos na plena liberdade dos Filhos de Deus, Filhos da Luz, Maçons livres ou Maçons Místicos.

Capítulo II

O Altar de Bronze e o Lavabo

O Altar de Bronze estava localizado no átrio, no lado de dentro do portão oriental, e era usado para o sacrifício de animais durante o serviço do templo. A idéia, de usar bois e cabras no sacrifício parece-nos uma barbaridade, e não podemos compreender que eficácia poderia haver nesse procedimento. A Bíblia confirma esse ponto de vista, quando diz que Deus não deseja sacrifícios e sim um espírito arrependido e um coração contrito, pois Ele não sente prazer nos sacrifícios de sangue. A vista desse fato, parece estranho que os sacrifícios tenham sido determinados. Contudo, devemos considerar que nenhuma religião pode elevar aqueles a quem determinados ensinamentos estão designados, se estiverem distantes de seu entendimento intelectual ou moral. Para um bárbaro, a religião deve ter certos traços bárbaros. Uma religião de amor não seria atraente para esse povo, por isso, foi-lhe dada uma lei que exigia “olho por olho e dente por dente”. No Velho Testamento não há menção da imortalidade, porque essas pessoas não poderiam entender um céu, nem aspirá-lo. Amavam as posses materiais e, por isso, foram instruídas que, se procedessem corretamente, elas e sua descendência habitariam na terra para sempre e seu gado se multiplicaria, etc., etc.

Adoravam as posses materiais e sabiam que o crescimento de seus rebanhos ocorria pela graça de Deus, e os favores concedidos por Ele eram uma decorrência dos méritos de cada um. Agiam corretamente na esperança de uma recompensa neste mundo. Também eram dissuadidos de praticar o mal, e ensinavam-lhes que uma punição imediata ocorreria como consequência dos seus pecados. Era o único processo que entendiam. Não poderiam fazer o bem pelo sentido do próprio bem, nem poderiam entender o princípio de se tornarem eles próprios “sacrifícios vivos”, e provavelmente sofriam tanto a perda de um animal quando cometiam pecado, como nós sofremos as dores da consciência pelos nossos erros.

O Altar era feito de bronze, um metal não encontrado na natureza, que consistia de uma liga de cobre e zinco feita pelo homem. Simbolicamente é mostrado que o pecado não estava previsto em nosso esquema evolutivo, constituindo uma anomalia na natureza tanto quanto suas consequências, isto é, a dor e a morte simbolizadas pelas vítimas sacrificadas. Enquanto o Altar foi feito de um metal artificialmente composto, o fogo que ardia sempre sobre ele era de origem divina e conservado aceso de ano para ano com o mais perfeito zelo. Nenhum outro fogo jamais foi usado, e podemos mencionar, como exemplo, o caso de dois sacerdotes presunçosos e rebeldes que ousaram desobedecer essas ordens usando um fogo estranho. Em consequência, encontraram morte horrível e instantânea. Também para nós, uma vez que tenhamos feito o juramento de aliança com o Mestre Místico, o Eu Superior, será extremamente perigoso desprezar os preceitos que nos foram dados.

Quando o candidato aparece na porta oriental, encontra-se “pobre, nu e cego”. Naquele momento é uma pessoa que inspira pena, necessitando ser vestida e trazida para a luz. No entanto, isto não pode ser realizado imediatamente no Templo místico.

Durante o período de sua marcha, da completa nudez até receber as vestes sacerdotais, há uma longa e difícil caminhada. A primeira lição que lhe é ensinada é que o homem progride somente através de sacrifícios. Na Iniciação Mística Cristã, quando o Cristo lava os pés de Seus discípulos, a explicação dada é que se não fosse pela decomposição dos minerais que alimentam o reino vegetal, não haveria vegetação; se não houvessem vegetais para a alimentação dos animais, estes não poderiam sobreviver, e assim sucessivamente. O superior necessita sempre de se sustentar no inferior. Por esse motivo, o homem tem uma dívida contraída para com eles e, como consequência, o Mestre lava os pés de Seus discípulos, simbolizando, nesse serviço humilde, o reconhecimento de que eles O haviam servido como um degrau para que pudesse alcançar algo superior.

De modo semelhante, quando o candidato é levado ao Altar de Bronze, aprende a lição que o animal é sacrificado em seu benefício, dando o seu corpo para a alimentação e sua pele para a vestimenta. Além disso, ele vê a nuvem densa de fumaça flutuando sobre o Altar e percebe dentro dela uma luz, mas esta é muito tênue e tão envolvida pela fumaça que não lhe serve como guia permanente. Seus olhos espirituais são fracos, portanto, ele não deve expô-los imediatamente à luz das mais elevadas verdades espirituais.

O apóstolo Paulo ensinou-nos que o Tabernáculo no Deserto era “uma sombra das boas coisas que virão”. Por esse motivo, deve ser interessante e proveitoso ao candidato que vem ao Templo nos tempos atuais, compreender o significado do Altar de Bronze com os sacrifícios e a queima da carne. Para que possamos entender esse mistério, precisamos primeiramente absorver a grande idéia, absolutamente essencial, que o fundamento de todo misticismo verdadeiro está dentro de nós e não fora de nós. Angelus Silésius diz a respeito da Cruz:

“Ainda que Cristo nascesse mil vezes em Belém Se não nascer dentro de ti, tua alma ficará perdida. Em vão olharás a Cruz do Gólgota A menos que dentro de ti, ela seja novamente erguida”.

Esta idéia deve ser aplicada a cada símbolo e a cada fase da experiência mística. Não é o Cristo externo que salva, mas o Cristo Interno. O Tabernáculo foi construído em determinada época, como pode ser visto claramente na Memória da Natureza por aqueles cuja visão interior está suficientemente desenvolvida; porém, ninguém deve esperar qualquer ajuda do símbolo externo. Devemos construir o Tabernáculo dentro de nossos corações e de nossa consciência. Devemos vivenciar, como uma real experiência interna, o ritual completo do serviço lá demonstrado. Devemos ser ambos: o Altar dos Sacrifícios e o animal sacrificado sobre ele. Devemos ser igualmente o sacerdote que imola o animal e o próprio animal imolado. Mais tarde, aprenderemos simultaneamente a identificar-nos com o Lavabo místico e a lavar-nos em espírito dentro dele. Em seguida, devemos entrar por detrás do primeiro véu, servir na Câmara Oriental, e prosseguir através de todo serviço do Templo até tornarmo-nos o maior de todos esses antigos símbolos, a *Glória de Shekinah*, ou isto de nada nos servirá. Em resumo, antes que o símbolo do Tabernáculo nos possa

realmente ajudar, devemos transferi-lo do espaço do deserto para um lar no nosso coração. Ao convertermo-nos no todo que aquele símbolo representa, teremos alcançado o verdadeiro significado da espiritualidade.

Começamos a construir em nosso coração o Altar dos Sacrifícios, primeiramente para que nele possamos imolar nossas más ações e também expiá-las na crucificação do remorso. Isto se realiza, no moderno sistema de preparação para o discipulado, por um exercício que se executa à noite, e que foi cientificamente designado pelos Hierofantes da Escola de Mistérios Ocidental para crescimento do aspirante no caminho que conduz ao discipulado. Outras escolas de mistérios ensinaram exercícios similares, mas este difere de todos os métodos anteriores num ponto particular. Depois da explanação do exercício, daremos a razão desta grande e importante diferença.

Este método especial tem um alcance tão duradouro e efetivo, que capacita as pessoas a aprender agora, não somente as lições comuns da vida, mas a alcançar um desenvolvimento que, de outro modo, só poderia ser atingido através de muitos renascimentos.

A noite, quando nos retiramos para descansar, devemos relaxar completamente o corpo. É muito importante que assim se faça, pois se alguma parte do corpo permanecer tensa, o sangue não poderá circular livremente e ficará sob pressão. Como todo desenvolvimento espiritual depende do sangue, o esforço para atingir o crescimento anímico não será alcançado enquanto qualquer parte do corpo estiver sob tensão.

Quando esse completo relaxamento é alcançado, o aspirante à vida superior começa a rever as cenas do dia, e essa retrospectão deve ser iniciada com as ocorrências da noite, depois as da tarde, terminando com as da manhã, isto é, ele as revive em ordem inversa: primeiro as cenas da noite, seguem-se as da tarde e por fim as da manhã. A razão disto é que no instante do nascimento, quando a criança inala a sua primeira respiração, o ar inspirado pelos pulmões carrega um quadro do mundo exterior e, conforme o sangue flui pelo ventrículo esquerdo do coração, cada cena fica gravada, minuto por minuto, no átomo-semente ali localizado. Cada inspiração traz consigo novas imagens que ficam gravadas naquele pequeno átomo-semente, um registro de cada cena e de cada ação praticada durante toda a nossa vida, desde o primeiro alento até o último suspiro. Após a morte, esses registros formam a base de nossa existência purgatorial. Sob as condições do mundo espiritual, sofremos dores de consciência tão agudas que são inacreditáveis. Sofremos pelos erros cometidos, e assim nos sentimos desencorajados de repeti-los. Do mesmo modo, a alegria pelos bons atos praticados impele-nos a seguir o caminho da virtude em vidas futuras. Porém, na existência “post-mortem”, esse panorama é revisto na ordem inversa a fim de mostrar primeiramente os efeitos e depois as causas que as geraram. Isso para que o espírito possa aprender como a Lei de Causa e Efeito funciona na vida. Por esse motivo, o aspirante, que está sob a orientação científica dos Irmãos Maiores da Rosacruz, recebe ensinamentos para realizar os exercícios noturnos na ordem inversa, julgando-se diariamente e assim escapar do sofrimento do purgatório após a morte. Mas devemos ter consciência de que não haverá mérito algum se contemplarmos passivamente os atos do dia. Não é suficiente rever uma cena em que tenhamos ofendido alguém e dizer simplesmente: “Sinto muito o que fiz, desejaria nunca tê-lo feito”. Nesse momento, deveríamos considerar que somos o animal sacrificado jazendo sobre o Altar dos

Sacrifícios. A menos que consigamos sentir em nosso coração o divino fogo ardente do remorso queimando até o mais profundo de nosso ser, devido aos males praticados durante o dia, nada alcançaremos.

Durante a antiga dispensação, todas as oferendas a serem sacrificadas eram friccionadas com sal antes de colocadas no Altar dos Sacrifícios. Todos sabemos como dói e queima quando acidentalmente algum sal cai num fermento recente. Esse salgamento nos sacrifícios dos Antigos Templos de Mistérios simbolizava a intensidade da dor que devemos sentir quando nós, como sacrifícios vivos, colocar-nos sobre o Altar dos Sacrifícios. É o sentimento do remorso, o profundo e sincero arrependimento pelo que fizemos, que erradica o registro do átomo-semente, deixando-o limpo e sem manchas. Assim como na antiga dispensação os transgressores eram perdoados quando traziam uma oferenda para ser queimada e depositada no Altar dos Sacrifícios, assim também nós, nos tempos atuais, pelo caráter científico do exercício de retrospectão, eliminamos o registro de nossos pecados. É uma conclusão lógica que não poderemos continuar, noite após noite, a executar esse sacrifício vivo sem nos tornarmos melhores, porque devemos deixar, pouco a pouco, de cometer os erros dos quais nos culpamos no exercício noturno. Por isso, em acréscimo à eliminação de nossas faltas, o exercício leva-nos a um nível mais alto de espiritualidade que, de outra forma, não poderíamos alcançar em nossa atual vida terrestre.

Também é interessante notar que quando uma pessoa cometia um grave crime e chegava ao santuário, encontrava proteção à sombra do Altar dos Sacrifícios, pois, ali, somente o divino fogo ardente podia julgar. Ela escapava das mãos dos homens, mas colocava-se nas mãos de Deus. De modo semelhante, o aspirante que reconhece suas faltas todas as noites aproximando-se do altar do julgamento vivente, alcança também o santuário pela Lei de Causa e Efeito, e “mesmo que seus pecados sejam escarlates, ficarão tão brancos como a neve”.

O Lavabo de Bronze

O Lavabo de Bronze era uma grande bacia sempre cheia de água. Diz-se na Bíblia, que ela ficava apoiada às costas de 12 bois também feitos de bronze, sendo que suas partes traseiras estavam voltadas para o centro do recipiente. Entretanto, na Memória da Natureza, vê-se que esses animais não eram bois, mas representações simbólicas dos doze signos do zodíaco. Naquele tempo, a humanidade estava dividida em doze grupos, um para cada signo zodiacal. Cada animal simbólico atraía um raio particular e, tal como a água benta usada atualmente nas igrejas católicas é magnetizada pelo padre durante a cerimônia da consagração, também a água deste Lavabo era magnetizada pelas Divinas Hierarquias que guiavam a humanidade.

Não pode haver dúvida quanto ao poder da água santa preparada por uma personalidade forte e magnética. Ela transfere para a água os eflúvios do seu corpo vital, e as pessoas ao usá-la tornam-se suscetíveis ao seu efeito' de acordo com o grau de sensibilidade de cada uma. Assim também, a água do Lavabo de Bronze no antigo Templo de Mistérios Atlante era magnetizada por Hierarquias Divinas de imensurável poder, e tornava-se potente fator para guiar o povo de acordo com os desejos desses poderosos

regentes. Por isso, os sacerdotes sujeitavam-se perfeitamente aos mandatos e ordens de seus guias espirituais invisíveis e, através deles, o povo era guiado cegamente. Era exigido dos sacerdotes que lavassem as mãos e os pés antes de adentrar nos recintos sagrados do Tabernáculo. Se essa ordem não fosse obedecida, a morte atingia imediatamente o sacerdote quando entrasse no Tabernáculo. Portanto, podemos dizer que a palavra-chave do Altar de Bronze era “justificação”, enquanto que a idéia central do Lavabo de Bronze era “consagração”.



O Lavabo de Bronze

“Muitos são chamados e poucos os escolhidos”. Temos o exemplo daquele jovem rico que foi até Cristo querendo saber o que deveria fazer para ser perfeito. Ele assegurava que cumpria a Lei, mas quando Cristo lhe ordenou: “Segue-Me”, ele não o fez, porque possuía muitas riquezas que o retinham e precisava cuidar delas. Como a grande maioria, ele ficaria feliz se pudesse somente escapar à condenação e, como os outros, era demasiadamente túbio para esforçar-se em alcançar o merecimento através do 'serviço amoroso e desinteressado. O Lavabo de Bronze é o símbolo da santificação e da consagração da vida ao serviço. Assim como Cristo iniciou seus três anos de ministério através do batismo pela água, assim também o aspirante ao serviço no antigo Templo devia santificar-se na corrente sagrada que fluía do Mar Fundido. E o Maçom místico, almejando

construir um templo “sem ruído de martelo” para nele servir, deve também consagrar-se e santificar-se. Deve deixar toda posse terrena para poder seguir o Cristo Interno. No entanto, pode conservar suas posses materiais usando-as com fé e sabedoria, como um sagrado depósito que lhe é confiado. E devemos estar realmente prontos para seguir o Cristo interno quando Ele disser: “Segue-Me”, mesmo que a sombra da cruz surja negra no final do caminho. Sem esta última renúncia da vida pela Luz, pelas propostas superiores, não pode haver progresso. Do mesmo modo que o Espírito desceu sobre Jesus quando Ele emergiu da água batismal da consagração, também o Maçom místico, que se banha no lavabo do Mar Fundido, começa a ouvir suavemente a voz do Mestre dentro de seu próprio coração, instruindo-o nos segredos do Ofício que deverá desempenhar em benefício de seus semelhantes.

CAPÍTULO III

SALA LESTE DO TEMPLO

Depois de ter subido os primeiros degraus do caminho, o aspirante encontra-se em frente ao véu que pende diante do templo místico. Aproximando-se desse lado, ele entra na Sala Leste do Santuário, chamado Lugar Santo. Não havia janelas ou quaisquer aberturas no Tabernáculo para deixar penetrar a luz do dia, mas esta sala nunca estava escura. Noite e dia era brilhantemente iluminada por lamparinas.

Seu mobiliário era o símbolo do método pelo qual o aspirante podia adquirir *o crescimento da alma pelo serviço*. Consistia de três peças principais: *o Altar do Incenso, a Mesa dos Pães da Proposição e o Candelabro de Ouro*, do qual procediam as luzes.

Não era permitido ao israelita comum entrar nesse lugar sagrado e nem contemplar os objetos. Ninguém, a não ser o sacerdote, podia passar pelo véu externo e entrar nessa primeira sala. O Candelabro de Ouro estava colocado na parte sul do Lugar Santo, de modo que se encontrava do lado esquerdo da pessoa que estivesse no meio da sala. Era inteiramente de ouro puro e constituído de um braço ou coluna central que se elevava desde a base, da qual saíam seis braços. Esses braços começavam em três pontos diferentes da haste e arqueavam-se em três semicírculos de diâmetros diferentes, simbolizando os três períodos anteriores de desenvolvimento (Períodos de Saturno, Solar e Lunar) pelos quais o homem passou antes do Período Terrestre, que estava, então, a menos da metade. Este último período era representado pela sétima luminária. Cada um dos sete braços terminava numa lâmpada suprida com o mais puro azeite de oliva, elaborado por um processo especial. Ao sacerdote era exigido não permitir que nenhuma luz se apagasse no Candelabro. Todos os dias as lamparinas eram examinadas, limpas e abastecidas com azeite, e assim podiam manter-se acesas perpetuamente.

A Mesa dos Pães da Proposição estava colocada ao lado norte da sala, a fim de estar à mão direita do sacerdote quando este se dirigisse ao segundo véu. Doze pães sem fermento eram continuamente mantidos sobre a mesa. Eram colocados em duas pilhas, um pão sobre o outro, e em cima de cada pilha havia, uma pequena quantidade de incenso. Esses pães eram chamados os Pães da Proposição ou pão da face, porque eram colocados solenemente naquela mesa diante do Senhor que habita na *Glória de Shekinah*, atrás do segundo véu. Todos os sábados, os pães eram substituídos pelo sacerdote, sendo os velhos retirados e os novos colocados no mesmo lugar. Os pães retirados eram comidos pelos sacerdotes e ninguém mais tinha permissão de prová-los. Também não era permitido comê-los em qualquer lugar fora do Santuário porque era considerado o mais sagrado de todos os alimentos, e unicamente podia ser consumido pelas pessoas consagradas e em terreno santo. *O incenso que ficava sobre as duas pilhas dos pães era queimado* na troca dos mesmos como uma oferta de fogo ao Senhor, como um memorial em lugar do pão.

O Altar do Incenso ou Altar de Ouro, era o terceiro objeto do mobiliário da Sala Leste do Templo. Ficava no centro da sala, isto é, a meio caminho entre as paredes norte e sul, em frente ao segundo véu. Nenhuma carne era queimada nesse altar e nenhum sangue jamais fora derramado sobre ele, exceto em ocasiões muito solenes, e apenas os seus vasos eram marcados com a mancha vermelha. A fumaça que deles se elevava desprendia-se do incenso. Isso acontecia todas as manhãs e todas as noites, preenchendo o Santuário com uma nuvem de fragrância agradável que impregnava todo o ambiente interior e que se estendia por algumas milhas ao redor. Por ser queimado todos os dias foi chamado: “um perpétuo incenso diante do Senhor”.

Não era simplesmente um incenso comum queimado, mas um composto deste com outras espécies doces, elaborado sob a direção de Jeová para este fim especial e por isso considerado santo, de modo que a nenhum homem fosse possível manipular essa composição para uso comum. ***O sacerdote era encarregado de zelar para que nenhum incenso estranho fosse oferecido no Altar de Ouro, isto é, nenhum outro que não tivesse a composição sagrada.*** Esse Altar estava colocado diretamente diante do véu, do lado de fora, mas antes do Propiciatório, que estava dentro da sala do segundo véu. Por isso, quem ministrasse no Altar do Incenso não podia ver o Propiciatório por causa do véu interposto; mas devia olhar nessa direção e direcionar-lhe o incenso. Era costume, quando a nuvem fragrante do incenso se erguia por cima do templo, que todas as pessoas que estivessem no Átrio do Santuário enviassem, pessoal e silenciosamente, suas preces a Deus.

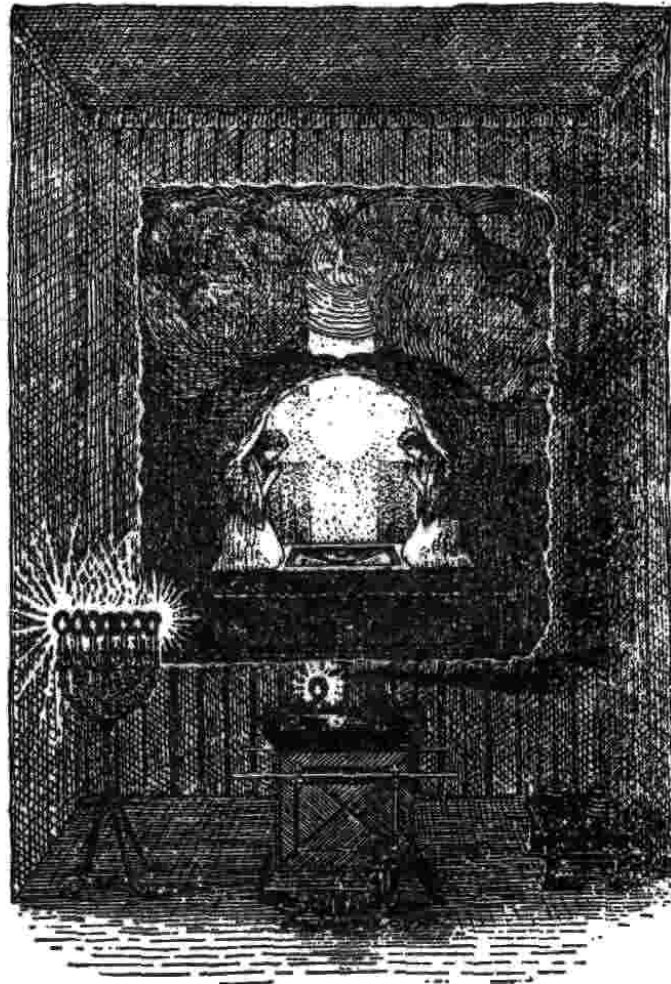
O Místico significado da Sala Leste e seu Mobiliário

O Candelabro de ouro

Como se afirmou anteriormente, quando o sacerdote permanecia no centro da Sala Leste do Tabernáculo, o Candelabro de Sete Braços ficava ao seu ***lado esquerdo***, em direção ao ***sul***. Isto simbolizava o fato de que os sete dadores de luz ou planetas que trilham a dança do círculo místico ao redor da órbita central, o Sol, percorrem a estreita faixa abrangendo oito graus em cada lado da trajetória do Sol, que é chamada zodíaco. “Deus é Luz” e os “Sete Espíritos diante do Trono” são chamados os ministros de Deus. São os ***mensageiros da luz*** para a humanidade. Eles nos guiaram no caminho evolutivo. Assim como os céus ficam iluminados quando a Lua em suas fases chega à “plenitude” na parte leste dos céus, também a Sala Leste do Tabernáculo ficava plena de LUZ, indicando ***visivelmente*** a presença de Deus e seus Sete Ministros, os ***Anjos Estelares***.

Podemos notar a luz do Candelabro de Ouro, que era clara e sua chama não possuía odor, e compará-la com a fumaça do Altar dos Sacrifícios que, de certo modo, gerava trevas em vez de dissipá-las. Mas, há ainda um significado mais profundo e sublime neste símbolo do fogo, que só abordaremos quando falarmos da ***Glória de Shekinah***, cujo brilho deslumbrante pairava acima do Propiciatório, na ***Sala Ocidental***. Antes que possamos decifrar esse tema, devemos entender todos os símbolos que estão entre o Candelabro de Ouro e o Sublime Fogo do Pai, que era a coroação da glória do Sanctum Sanctorum, a parte mais sagrada do Tabernáculo no Deserto.

**Sala Leste - O LUGAR SANTO
e a Sala Oeste - O SANCTUM SANCTORUM**



Vestibulo Oriental
EL LUGAR SANTO
y el
Vestibulo Occidental
SANCTA SANCTORUM

A Mesa dos Pães da Proposição

A Sala Leste do Templo pode ser chamada de Vestíbulo do Serviço, pois corresponde aos três anos do ministério de Cristo e contém toda a parafernália para o desenvolvimento da alma. Como já dissemos, só possuía três peças principais. Entre elas, encontramos a Mesa dos Pães da Proposição. Sobre essa mesa, como já sabemos, havia

duas pilhas de pães, cada uma com seis pães, e sobre cada pilha havia uma pequena quantidade de incenso. O aspirante que chegasse à porta do Templo, ‘pobre, nu e cego’, era conduzido à luz do Candelabro de Sete Braços, obtendo um certo grau de conhecimento cósmico que devia utilizá-lo unicamente em favor de seus semelhantes. A Mesa dos Pães da Proposição representa tudo isso em símbolos.

Os grãos dos quais eram feitos os pães foram originalmente dados por Deus, depois plantados pelo homem após ter sido arado e preparado o solo. Quando semeados, era necessário cultivá-los e regá-los. Então, brotava o fruto de acordo com a natureza do solo e do cuidado recebido. Era posteriormente colhido, debulhado, moído e assado. Depois, os antigos servos de Deus tinham de carregá-lo para dentro do Templo, onde era colocado ante a presença do Senhor como pão, para **“demonstrar” que os homens fizeram a sua tarefa e terminaram o serviço necessário.**

Os grãos de trigo ofertados por Deus e contidos nos doze pães representam as oportunidades para o crescimento da alma através dos doze departamentos da vida, representados pelas doze casas do horóscopo sob o domínio das doze Hierarquias Divinas, conhecidas como os signos do Zodíaco. **Mas é tarefa do Maçom Místico, o verdadeiro construtor do Templo, abraçar estas oportunidades, cultivá-las e nutri-las para extrair delas o PATO DA VIDA que alimenta a alma.**

Contudo, nós mesmos não assimilamos nossos alimentos físicos em sua totalidade, pois fica um resíduo, uma grande porção de cinzas após termos amalgamado a quintessência em nosso sistema. De modo semelhante, os Pães da Proposição não eram queimados ou consumidos perante o Senhor. Eram colocados dois montículos de incenso sobre as duas pilhas de pães, um em cada monte. Isto foi concebido para que seu aroma fosse percebido e mais tarde os pães fossem consumidos pelo fogo no Altar do Incenso. Dessa maneira, a nutrição da alma, realizada pelo serviço diário prestado pelo Maçom Místico, é lançada no moinho da retrospectão quando ele se retira para dormir e pratica o exercício científico ensinado pelos Irmãos Maiores da Ordem Rosacruz.

Há um dia em cada mês que é particularmente propício para extrair o puro incenso do crescimento da alma e queimá-lo perante o Senhor, de modo que possa exalar um suave aroma e ser **amalgamado com o corpo-alma para formar** parte do “Dourado Manto Nupcial”. Isto se realiza quando a Lua chega ao plenilúnio. Então, a Lua está a leste e os céus estão inundados de luz, como estava a Sala Leste no antigo Templo de Mistérios Atlante, onde o sacerdote fortalecia o pábulo da alma, simbolizado pelo Pão da Proposição e por sua fragrante essência, que deleitava nosso Pai Celestial tanto quanto agora.

Contudo, deixemos que o Maçom Místico considere que os pães ázimos não eram fantasia de sonhadores, nem produto de especulação sobre a natureza de Deus ou da luz. **Eram resultado de um trabalho real**, de um trabalho sistemático e disciplinado, que nos impele a seguir o caminho do verdadeiro serviço se desejarmos acumular tesouros no céu. A menos que **trabalhemos e sirvamos a humanidade**, nada teremos a apresentar, nenhum pão para oferecer nos banquetes da Lua Cheia. E no casamento místico do Eu Superior com o Eu Inferior, encontrar-nos-emos desprovidos do radiante corpo-alma dourado, o “Dourado Manto Nupcial”, sem o qual o enlace com Cristo jamais poderá ser consumado.

O Altar do Incenso

No Altar do Incenso, como vimos pelas descrições anteriores do Tabernáculo e seu mobiliário, o incenso era continuamente oferecido ao Senhor. E o sacerdote que oficiava diante do Altar, olhava sempre em direção ao Propiciatório, acima da Arca, embora lhe fosse impossível vê-la por causa do segundo véu interposto entre o primeiro e o segundo departamento do Tabernáculo, o Lugar Santo e o Sanctum-Sanctorum. Também vimos, em relação aos Pães da Proposição, que o incenso simboliza o extrato, o aroma do serviço que prestamos de acordo com nossas oportunidades. Assim como o animal sacrificado no Altar de Bronze representa os males cometidos durante o dia, assim também o incenso queimado no Altar de Ouro, que é um doce aroma para o Senhor, representa as ações virtuosas de nossas vidas.

CAPÍTULO IV

A ARCA DA ALIANÇA

É digno de nota e de grande significado místico que o aroma do *serviço voluntário* seja representado pela *doce fragrância do incenso*, enquanto o odor do pecado, do egoísmo e das transgressões da lei, representados pelo *sacrifício compulsório* no Altar do Serviço, é nauseante. Não é necessário grande imaginação para entender que as nuvens de fumaça que subiam continuamente das carcaças queimadas dos animais sacrificados, exalavam um cheiro enjoativo que causava repugnância. Por antítese, o incenso perpetuamente oferecido no Altar diante do segundo véu, mostrava a beleza e sublimidade do serviço desinteressado, exortando assim o Maçom Místico, como um *filho da luz*, a evitar um e a aderir ao outro.

Entendemos também que o *serviço* não consiste apenas em realizar grandes feitos. Alguns heróis eram obscuros e comuns em suas vidas, e surgiram para a fama em decorrência de, alguma ação notável num grande e memorável dia. Os mártires foram inseridos no calendário dos santos porque *morreram* por uma causa. Mas o maior heroísmo, o grande martírio é, às vezes, fazer as pequenas coisas que ninguém nota, e sacrificar-se no *simples serviço aos outros*.

Já sabemos que os véus na entrada do pátio exterior e em frente à Sala Leste do Tabernáculo eram confeccionados em quatro cores - azul, vermelho, púrpura e branco. Mas o *segundo véu*, que dividia a Sala Leste do Tabernáculo da Sala Oeste, era diferente dos outros dois. Era bordado com figuras de Querubins. Não consideraremos o significado desse fato até que vejamos o que representa a *Lua Nova e a Iniciação*. Observemos agora o segundo compartimento do Tabernáculo, a Sala Oeste, chamada o Santo dos Santos ou Sanctum Sanctorum. Atrás do segundo véu, dentro desta segunda divisão, nenhum mortal poderia passar a não ser o Sumo-Sacerdote e, mesmo assim, somente numa ocasião do ano chamado Yom Kippur, o Dia da Expição, após a mais solene preparação e com a maior reverência e devoção. O mais Santo de Todos era revestido com uma solenidade de outro mundo; era revestido de uma grandeza sobrenatural. O Tabernáculo inteiro era o santuário de Deus, mas, neste lugar, sentia-se o imponente poder de Sua presença, a morada excepcional da *Glória de Shekinah*, e qualquer mortal tremeria dentro deste recinto sagrado, como devia acontecer ao Sumo-Sacerdote no dia da Expição.

No mais ocidental extremo deste recinto, o extremo oeste do Tabernáculo, encontrava-se a “**ARCA DA ALIANÇA**”. Era um receptáculo côncavo que continha: *o Pote de Ouro do Maná; A Vara de Arão que floresceu e as Tábuas da Lei* que foram dadas a Moisés. Enquanto essa Arca da Aliança permanecia no Tabernáculo no Deserto, *havia duas estacas colocadas entre as quatro argolas da Arca* para que pudesse ser erguida e transportada imediatamente.

Mas, quando a Arca chegou ao Templo de Salomão, as estacas foram retiradas. Isso tem um significado simbólico muito importante. Sobre a Arca inclinavam-se ajoelhados

dois Querubins, e entre eles permanecia a sempre eterna Glória de Deus. “Aqui”, disse Deus a Moisés, “Eu te encontrarei e me comunicarei contigo de cima do Propiciatório por entre os dois Querubins que estão sobre a Arca do Testemunho”.

A Glória do Senhor vista sobre o Propiciatório tinha a aparência de uma nuvem. O Senhor disse a Moisés: “Dize a Arão, teu irmão, que nunca entre no santuário que está para dentro do véu diante do Propiciatório que cobre a arca, para que não morra, porque Eu aparecerei na nuvem sobre o Propiciatório” - (Levítico 16-2). Esta manifestação da divina presença foi chamada entre os judeus de “*A Glória de Shekinah*”. Sua aparência, sem dúvida, era de uma maravilhosa glória espiritual, à qual é impossível descrever em palavras. Fora da nuvem, a Voz de Deus era ouvida com profunda solenidade quando Ele era consultado em favor do povo.

Quando o aspirante se qualificava para entrar nesse recinto atrás do segundo véu, encontrava tudo *escuro* à visão física, e era necessário que ele tivesse outra luz, a *interior*. Quando veio pela primeira vez à porta da Sala Leste do Templo, estava “pobre, nu e cego”, pedindo **LUZ**. Apresentaram-lhe o pequenino lume que aparecia na fumaça do Altar dos Sacrifícios, e foi advertido que, para adiantar-se, deveria iluminar-se a si próprio com a chama do remorso pelas faltas cometidas. Mais tarde, foi-lhe mostrada a luz resplandecente na Sala Leste do Tabernáculo, que procedia do Candelabro de Sete Braços. Em outras palavras, foi-lhe dada a luz da Sabedoria, razão pela qual tem permissão para avançar no caminho. Também lhe pedem que, *pelo serviço*, ele desenvolva outra luz dentro e ao redor de si, o “Dourado Manto Nupcial”, que é também a *Luz de Cristo do corpo-alma*. Por uma vida de serviço, essa gloriosa substância-alma envolve e amplia gradualmente toda a sua aura tornando-a uma radiosa luz dourada. Só depois de ter desenvolvido essa iluminação interna, é que poderá adentrar ao escuro recinto do segundo Tabernáculo, como o Mais Santo dos Lugares muitas vezes é denominado.

“*Deus é Luz*; se caminharmos na Luz como Ele na Luz está, seremos fraternais uns com os outros”. Isto parece unicamente indicar a fraternidade dos Santos, mas aplica-se também à fraternidade que temos com Deus. Quando o discípulo penetra no segundo Tabernáculo, a *LUZ dentro dele vibra com a LUZ da Glória de Shekinah* que está entre os Querubins, e então ele compreende a fraternidade com o Fogo do Pai.

Assim como os Querubins e o Fogo do Pai, que flutua acima da Arca, representam as Hierarquias Divinas que guiaram a humanidade durante sua peregrinação pelo deserto, assim também a *Arca que se encontra ali, representa o homem no seu mais elevado desenvolvimento*. Havia, como já sabemos, três objetos dentro da Arca: o Pote Dourado do Maná, a Vara que floresceu e as Tábuas da Lei. Quando o aspirante chegava ao portão leste como um filho do pecado, *a lei estava fora dele, precisava de um mestre* para trazê-lo ao Cristo. A lei era executada com extrema severidade, isto é, olho por olho, dente por dente. Cada transgressão resultava num castigo justo, e o homem encontrava-se circunscrito em todas as direções por leis que lhe ordenavam que fizesse as coisas certas e refreasse as más ações. Porém, quando *através do sacrifício e do serviço*, ele tiver finalmente atingido o estágio de evolução representado pela Arca na Sala Oeste do Tabernáculo, as *Tábuas* da Lei estarão **DENTRO DELE**. Estará, então, emancipado de toda interferência externa referente às suas ações, não porque cumpra rigorosamente as leis, *mas porque trabalha com elas*. Do mesmo modo como aprendemos a respeitar o direito de propriedade dos

outros emancipando-nos do Mandamento: “não roubarás”, também aquele que respeita conscientemente as leis não tem necessidade de um mestre externo, pois alegremente presta obediência em todas as coisas porque *ele é um servo da Lei e trabalha com ela, por escolha e não por coação.*

O Pote Dourado do Maná

Manas, mensch, mens ou man (homem) são palavras associadas com maná, o maná que caía dos céus. É o *espírito humano* que desceu do Pai para peregrinar através da matéria, e o Pote Dourado onde era guardado simboliza a aura dourada do corpo-alma.

Apesar da narrativa bíblica não estar rigorosamente de acordo com os acontecimentos, contém os fatos principais do maná místico que caiu do céu. Quando desejamos saber qual a natureza desse chamado *pão*, devemos recorrer ao sexto capítulo do Evangelho de São João, que relata como Cristo alimentou a multidão com *pães e peixes*, simbolizando a doutrina mística dos 2000 anos que Ele estava iniciando, pois nessa época o Sol, por *precessão dos equinócios*, começava a transitar pelo signo de Peixes, Pisceas, e o povo foi ensinado a abster-se, pelo menos um dia na semana (sexta-feira) e também em certa época do ano, das panelas de carne que pertenciam aos egípcios ou antigos atlantes. Eles colocavam a água de Pisceas na porta dos templos, e a Hóstia Virginal na Mesa da Comunhão diante do Altar quando veneravam a Imaculada Virgem, que representa o signo celestial de Virgo (que está em oposição ao signo de Pisceas), e assim entravam em comunhão com o sol gerado por ela.

Cristo também explicou, em linguagem mística mas clara, que o *pão vivo* ou maná, na verdade era o Ego. Essa explicação é encontrada no Capítulo 6, versículos 33 e 35, onde lemos: “Pois o pão do Senhor é o que desceu do céu e trará Luz para o mundo... Eu sou (*Ego Sum*) o *pão da vida*”. Este é o símbolo do Pote de Ouro do Maná que se encontrava na Arca. Este maná é o Ego ou Espírito humano, que dá vida aos organismos que vemos no mundo físico.- Encontra-se oculto dentro da Arca de cada ser humano, e o Pote Dourado ou corpo-alma, o “Dourado Manto Nupcial”, encontra-se também latente dentro de cada um. Ele torna-se mais consistente, brilhante e resplandecente pela alquimia espiritual, quando o serviço é transmutado em *crescimento anímico*. É a *casa não construída pelas mãos*, eterna nos céus, vestimenta com a qual Paulo desejava ardentemente estar revestido, como disse na Epístola aos Coríntios. Todo aquele que se esforça em ajudar sem interesse seu semelhante acumula tesouros. no céu, onde nem a traça nem a ferrugem podem destruí-los.

A Vara de Arão

Uma antiga lenda relata que quando Adão foi expulso do Jardim do Éden, levou consigo três mudas da *Árvore da Vida*, que depois foram plantadas por Seth. Seth, o segundo filho de Adão é, de acordo com a lenda Maçônica, pai da hierarquia espiritual dos *clérigos* que efetuam um trabalho com a humanidade através do catolicismo, enquanto os filhos da Caim são os *artífices* do mundo. Estes são ativos na franco-maçonomia promovendo o progresso material e industrial, como os construtores do Templo de

Salomão, o universo, deviam ser. As três mudas plantadas por Seth tiveram importante missão no desenvolvimento espiritual da humanidade, e uma delas julga-se ser a Vara de Arão.

No começo da existência concreta, a geração era realizada sob a sábia direção dos anjos, os quais favoreciam o encontro dos seres quando os raios interplanetários propiciavam o emprego da força criadora, e o homem foi também proibido de comer o fruto da Arvore do Conhecimento. A natureza daquela árvore foi claramente explicada pelas sentenças bíblicas: “Adão *conheceu* Eva e ela concebeu Caim”; “Adão *conheceu* Eva e ela concebeu Seth”; Como posso conceber se não *conheço* varão?” foi a pergunta de Maria ao Anjo Gabriel. À luz dessa interpretação, a *afirmação do Anjo* (não foi uma maldição) “morrendo, morreréis”, quando descobriu que seus preceitos foram desobedecidos, torna-se compreensível, pois os corpos gerados fora da influência cósmica não podem pretender subsistir. Em conseqüência, o homem foi exilado do reino etérico das forças espirituais (Éden), onde cresce a árvore do poder vital. Foi exilado para a existência concreta no corpo denso que ele mesmo gerou para si. Isto foi realmente uma bênção, pois quem de nós possui um corpo totalmente saudável e perfeito, segundo o nosso próprio julgamento, para poder viver nele para sempre? Por isso, a morte é um benefício e uma bênção, tanto quanto nos possa capacitar a regressar aos reinos espirituais periodicamente, para aí construirmos melhores veículos para cada retorno à vida terrestre. Como disse Oliver Wendell Holmes:

“Oh, Minha'alma! Constrói para ti mansões mais majestosas, enquanto as estações passam ligeiramente, Abandona o teu invólucro finalmente; Deixa cada novo templo, mais nobre que o anterior, com cúpula celeste, com domo bem maior, e que te libertes decidida largando tua concha superada nos agitados mares desta vida”.

No curso do tempo, quando aprendemos a evitar o orgulho da vida e a luxúria da carne, o ato procriador cessará de esgotar nossa vitalidade. Então, a energia vital será usada para a regeneração, e os poderes espirituais, simbolizados pela Vara de Arão, serão desenvolvidos.

A vara de condão do mágico, a lança santa de Parsifal, o Rei do Graal, e a Vara de Arão que floresceu, são emblemas dessa divina força criadora que executa tais maravilhas, às quais chamamos milagres. Entretanto, deixemos bem claro que ninguém que chegue a tal ponto na evolução, simbolizado pela Arca da Aliança na Sala Oeste do Tabernáculo, usará esse poder para fins egoístas. Parsifal, o herói do mito da alma, ao vencer a tentação de Kundry e provar a si mesmo estar emancipado do maior de todos os pecados, os da luxúria juntamente com a falta de castidade, recuperou a lança sagrada roubada pelo mágico Klingsor do vencido e impuro Rei do Graal, Amfortas. Por muitos anos viajou pelo mundo, procurando encontrar novamente o Castelo do Graal e disse: “Muitas vezes, acossado por inimigos, fui tentado a usar a lança em defesa própria, mas sabia que a *lança sagrada nunca deveria ser usada para ferir, mas somente para curar*”.

Essa é a atitude de todo aquele que desenvolve dentro de si a florida Vara de Arão. Embora possa usar essa faculdade espiritual numa causa nobre, corno prover pães à multidão, ele jamais pensará em transformar pedras em pão para matar a *própria fome*. Mesmo que seja pregado à cruz para morrer, não se livrará dela com o poder espiritual que

adquiriu para salvar outros do túmulo. Ainda que todos os dias seja chamado de charlatão ou acusado de fraude, de modo algum usar o seu poder espiritual para dar um sinal que o mundo possa reconhecer que ele  um regenerado ou nascido do céu. Esta foi a atitude do Cristo-Jesus, imitada por todo aquele que  um Cristo em formao.

CAPÍTULO V

A SAGRADA GLÓRIA DE SHEKINAH

A Sala Oeste do Tabernáculo era tão escura como os céus o são quando a luz menor - a Lua - encontra-se na parte oeste do céu em oposição ao Sol, isto é, na Lua Nova, quando começa um novo ciclo num novo signo do zodíaco. Na parte mais ocidental deste escuro santuário ficava a Arca da Aliança com os Querubins pairando acima dela, e também a ardente *Glória de Shekinah*, da qual saía a Luz do Pai que comungava com Seus adoradores, mas que para a visão física era invisível, portanto, escura.

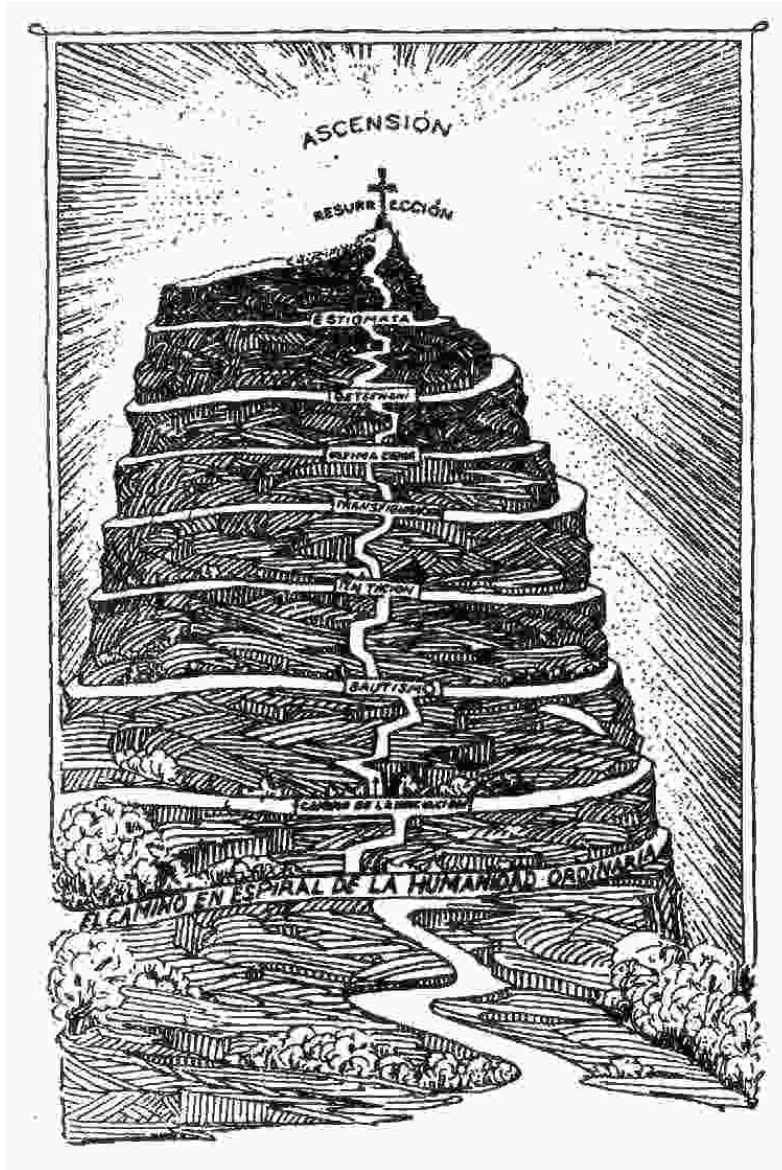
Geralmente, nós não realizamos que o mundo todo esteja envolvido pelo fogo. Há fogo na água, ele arde constantemente na planta, no animal e no homem. Sim, nada existe no mundo que não seja animado pelo fogo. A razão de não nos apercebermos disso é porque não podemos dissociar fogo de chama. Mas na realidade, o *fogo* guarda a mesma relação com a *chama* que o *espírito* com o corpo; é invisível, porém, é uma potente força em manifestação. Em outras palavras, o verdadeiro fogo é escuro e invisível à visão física. *Só é revestido de chama quando consome matéria física.* Considere, como ilustração, a forma como o fogo salta de um isqueiro quando este é acionado, e como a chama do gás tem o centro escuro debaixo do pavio aceso, e também como um fio pode conduzir eletricidade permanecendo frio, embora emita chamas sob certas condições.

Neste ponto, será interessante marcar a diferença entre o Tabernáculo no Deserto, o Templo de Salomão e, mais tarde, o Templo construído por Herodes. Há uma vital diferença. Ambos, o *fogo miraculosamente aceso* no Altar de Bronze na parte leste do Tabernáculo e a invisível *Glória de Shekinah* na distante parte oeste do Santuário, também estavam presentes no Templo de Salomão. Estes eram santuários que não podiam ser iguais ao Templo construído por Herodes. O último, sem sombra de dúvida, em certo sentido, era o mais glorioso dos três, porque *foi agraciado com a presença corporal de nosso Senhor, Cristo Jesus, em Quem habitava a Divindade.* Cristo fez o primeiro auto-sacrifício, abolindo assim o holocausto de animais. Finalmente, ao terminar Seu trabalho no mundo visível rasgou o véu e abriu o caminho do Sanctum Sanctorum, não somente a uns poucos favorecidos, os sacerdotes e Levitas, mas a **TODO AQUELE QUE QUEIRA** vir e servir a Divindade, conhecida como nosso Pai.

Tendo cumprido a Lei e as profecias, Cristo encerrou o sentido do santuário *externo* e, desde então, o Altar dos Sacrifícios deve ser erigido *dentro* do coração, onde queimará os males praticados. O Candelabro de Ouro deve ser aceso *dentro* do coração para guiar-nos no caminho, assim como o Cristo interno, a *Glória de Shekinah* do Pai, deve habitar *dentro* dos sagrados recintos de nossa própria consciência divina.

O Tabernáculo no Deserto

“A Sombra das Boas Coisas que Virão”



A Sombra da Cruz

Paulo, em sua Epístola aos Hebreus, dá-nos uma descrição do Tabernáculo e muita informação sobre os costumes que lá se usavam. Será bom para o estudante conhecê-los. Entre outras coisas, ele considerava o Tabernáculo, “a sombra das boas coisas que virão”.

Há no Antigo Templo de Mistérios uma promessa dada mas ainda não cumprida, porém tão boa hoje como o foi naquele tempo. Se visualizarmos em nossa mente a disposição dos objetos no interior do Tabernáculo, perceberemos nitidamente a sombra da Cruz. Começando pelo portão oriental, havia o **Altar dos Sacrifícios**; um pouco além, em direção ao Tabernáculo, encontramos o **Lavabo da Consagração**, o Mar Fundido, no qual os sacerdotes se lavavam. Logo depois de entrarmos na Câmara Oriental do Templo, encontramos **no extremo esquerdo**, uma peça do mobiliário, o **Candelabro de Ouro**; e **no extremo direito**, a **Mesa dos Pães da Proposição**, os dois formando uma cruz no caminho que estamos seguindo ao longo e dentro do Tabernáculo. No centro, em frente ao segundo véu, encontramos o **Altar do Incenso** que forma o centro da cruz, enquanto que a Arca colocada na parte mais ocidental da Câmara Ocidental, o Sanctum Sanctorum, representa a parte superior e a mais curta da cruz. Deste modo, o símbolo do desenvolvimento espiritual, que é o nosso mais elevado ideal nos dias de hoje, já estava delineado no Antigo Templo de Mistérios. A consumação que é alcançada no topo da cruz, a realização de possuir a lei dentro de nós, tal como se encontrava dentro da Arca, deve ser o nosso objetivo atualmente. A luz que brilha sobre o Propiciatório no Sanctum Sanctorum, na cabeça da cruz, no fim do caminho deste mundo, é a luz ou reflexo do mundo invisível no qual o aspirante busca entrar quando tudo ao seu redor parece obscuro e negro Somente quando tivermos atingido esse estado e percebermos a luz espiritual acenando para nós - a luz que paira sobre a Arca - somente quando permanecermos à sombra da cruz, é que realmente poderemos conhecer o significado, o propósito e a finalidade da vida.

Presentemente, podemos aproveitar as oportunidades que nos são oferecidas e prestar serviço com maior ou menor eficiência. Porém, somente quando, por meio deste serviço, desenvolvermos a luz espiritual dentro de nós - **o corpo-alma** - e assim tivermos obtido acesso à Câmara Ocidental, chamada o Vestíbulo da Libertação, é que perceberemos e compreenderemos realmente por que estamos no mundo e o que necessitamos fazer para nos tornarmos propriamente úteis. Não devemos pensar que depois de termos entrado nesse Vestíbulo, aí permaneceremos. Ao Sumo Sacerdote era permitido entrar nele somente uma vez por ano, havendo um longo intervalo de tempo entre esses lampejos do real propósito da existência. Nesse intervalo, o Sumo Sacerdote precisava sair e viver entre seus irmãos - a humanidade -servindo-os da melhor maneira possível. E porque ainda não era perfeito, pecava, para de novo entrar no Sanctum Sanctorum após ter feito as reparações devidas pelos seus pecados.

Atualmente sucede o mesmo conosco. Por vezes, obtemos vislumbres das coisas que nos estão reservadas, das coisas que devemos fazer para seguirmos Cristo ao lugar para onde Ele foi. Lembremos que Ele disse aos Seus discípulos: “Não podeis seguir-Me agora, mas seguir-Me-eis depois”. O mesmo sucede conosco. Devemos olhar repetidamente dentro deste templo escuro, o Sanctum Sanctorum, antes de estarmos capacitados para permanecer lá; antes que estejamos realmente preparados para dar o último passo e subir até o alto da cruz, **o lugar da caveira**, aquele ponto em nossa cabeça por onde o espírito sai quando deixa o corpo, seja permanentemente ou como um Auxiliar Invisível. Este Gólgota é a derradeira e suprema realização humana. Devemos estar preparados para entrar muitas vezes na Câmara escura, antes que estejamos prontos para esse clímax final.

A Lua Cheia como um fator de crescimento anímico

Consideremos agora o Caminho da Iniciação, tanto como nos é mostrado simbolicamente nos antigos Templos com a Arca, o Fogo e o Shekinah, como nos últimos Templos onde Cristo ensinou. Observemos que quando O homem foi expulso do Jardim do éden por haver comido da Árvore do Conhecimento, um Querubim guardava a entrada com uma espada flamejante. Passagens da Bíblia como: “Adão *conheceu* Eva e ela concebeu Abel”; “Adão conheceu Eva e ela concebeu Seth”; “Elkanah *conheceu* Hannah e ela concebeu Samuel”; também a pergunta de Maria ao Anjo Gabriel; - “Como posso conceber se não *conheço varão?*” tudo mostra plenamente que a indulgência da paixão no ato criador estava implícito na frase: “*Comer da Árvore do Conhecimento*”. Quando esse ato era realizado sob a influência de desfavoráveis raios planetários, cometia-se um pecado contra as Leis da Natureza, o que trouxe dor e morte ao mundo, exilou-nos de nossos primitivos guardiães, e obrigou-nos a vagarear pelo deserto durante séculos.

Na porta do Templo Místico de Salomão, encontramos o Querubim, porém não segura mais em suas mãos a espada flamejante; em lugar dela, segura uma *flor*, um símbolo pleno de significado místico. Comparemos o homem com a flor e perceberemos, então, a grande importância e significado desse emblema. O homem toma o seu alimento pela boca, de onde desce. A planta recebe alimento pelas raízes, forçando-o *para cima*. O homem reveste seu amor de paixão e tem os órgãos da geração *voltados para a terra*, escondendo-os com vergonha devido a essa mácula de sua paixão. A planta desconhece a paixão, e realiza a fecundação da maneira mais pura e casta, isto é, ela projeta seus órgãos geradores, a flor, *para o Sol*, um espetáculo de rara beleza. O homem, decaído e passional, exala o *mortífero dióxido de carbono*, enquanto a casta flor inala esse veneno, transmuta-o e o devolve puro, doce e perfumado, um fragrante elixir da vida.

Este era o mistério do Cálice do Graal; este é o significado simbólico do Cálice da Comunhão, que é chamado “*Kelch*” em alemão e “*Calix*” em latim, significando a parte do receptáculo da flor. O Cálice da Comunhão, com seu sangue místico limpo da paixão incidental da geração, traz vida eterna a quem verdadeiramente dele bebe. Torna-se assim o veículo de regeneração, do nascimento místico em esfera mais elevada, um “*país estrangeiro*”, no qual aquele que obteve o seu aprendizado na construção do Templo e dominou as “artes e ofícios” deste mundo, possa estar apto a aprender coisas mais elevadas.

O símbolo do Querubim, com uma flor aberta à porta do Templo de Salomão, transmite ao aspirante a mensagem de que a *pureza é a chave* com a qual ele pode esperar abrir a porta para Deus, ou como Cristo expressou: “Bem-aventurados os puros de coração, porque eles verão a Deus”. A carne deve ser consumida no Altar do auto-sacrifício, e a alma deve ser lavada no Lavabo da Consagração para uma vida superior antes de poder aproximar-se da porta do Templo. Quando “pobre, “nu” e “cego” pelas lágrimas da contrição, tatear na obscuridade em busca da porta do Templo, encontrará o Vestíbulo do Serviço, a Câmara Oriental do Tabernáculo, iluminado pelas chamas do Candelabro de Sete Braços, símbolo da plena luminosidade da Lua Cheia, lua que se modifica em ciclos de sete dias. Neste Vestíbulo do Serviço ensina-se o aspirante a tecer o “Dourado Manto Nupcial”,

ao qual Paulo chamou de “soma psuchicon” ou corpo-alma (Cor. I, 15:44) do *aroma* dos Pães da Proposição.

Quando falamos de *corpo-alma*, queremos dizer exatamente isso, e esse veículo não deve ser confundido com a alma que interpenetra o corpo. O Auxiliar Invisível que o utiliza nos vãos da alma, reconhece-o tão real e tangível quanto o corpo denso de carne e sangue. Porém, dentro desse “Dourado Manto Nupcial” há *algo intangível* conhecido pelo espírito de introspeção. ir inenarrável e indescritível; escapa aos maiores esforços dos que querem sondá-lo; contudo está lá, tão certamente quanto o veículo que ele ocupa - e ainda vai além dele. Não o identificamos como vida, amor, beleza, sabedoria ou qualquer outro conceito conhecido do homem, mas consideramo-lo como a soma de todas as faculdades humanas, atributos e conceitos do bem numa intensidade imensurável. Se tudo o que possuímos nos fosse tirado, essa realidade primordial ainda permaneceria e seríamos ricos com a sua posse, pois através dela sentimos a Força Poderosa do nosso Pai Celestial, aquele impulso interno que todos os aspirantes tão bem conhecem.

Referindo-se a esse desejo interno, Cristo disse: “Nenhum homem virá a Mim, se não for pela vontade do Meu Pai”. Tanto quanto o verdadeiro fogo está oculto na chama que o encerra, assim também esse aspecto intangível e indescritível esconde-se no corpo-alma e queima o incenso extraído dos Pães da Proposição. Desta maneira, acende o fogo que faz com que o corpo-alma se torne luminoso. E *o aroma do serviço amoroso e desinteressado prestado* aos outros atravessa o véu como um doce perfume enviado a Deus, que habita na *Glória de Shekinah*, pairando acima da Arca no íntimo santuário, o Sanctum-Sanctorum.

CAPÍTULO VI

A LUA NOVA E A INICIAÇÃO

Quando o candidato penetrava no portão oriental do Templo buscando luz, deparava-se com o fogo do Altar dos Sacrifícios, que emitia uma luz fraca envolvida numa nuvem de fumaça. Encontrava-se na condição de escuridão espiritual do homem comum; trazia encerrada a luz *interna*, portanto, era necessário dar-lhe a luz *externa*. Mas, para poder entrar na escura Câmara Ocidental, já devia ter desenvolvido o luminoso corpo-alma pelos serviços prestados à humanidade. Então, era instruído a ter a luz dentro de si próprio, “a luz que ilumina todo homem”. Se não possuísse essa luz, não teria acesso à sala escura do Templo.

O que acontece secretamente no Templo é mostrado claramente nos céus. Assim como a Lua recolhe a luz solar em sua passagem da Nova à Cheia, assim também o homem que trilha a senda da santidade pelo uso das valiosas oportunidades na Sala Leste, prestando serviço amoroso e desinteressado, reúne o material com o qual construirá o luminoso “Manto Nupcial”, que é melhor amalgamado nas noites de Lua Cheia. Mas, inversamente, como a Lua vai perdendo a luz à medida que se aproxima do Sol para começar um novo ciclo com a fase da Lua Nova, assim também, de acordo com a Lei de Analogia, os que juntaram seus tesouros e os depositaram no céu por suas boas ações, estão, num certo tempo do mês, mais próximos de sua Fonte nas esferas superiores e de seu Criador, o Fogo-Pai, que em qualquer outra ocasião. Assim como os grandes salvadores da humanidade nascem no solstício de inverno na mais longa e escura noite do ano, assim também o processo da Iniciação traz ao nascimento no mundo invisível um dos salvadores menores, o Auxiliar Invisível, na mais longa e mais escura noite de cada mês, isto é na noite de Lua Nova, quando a órbita lunar está na parte mais ocidental do céu.

Todo desenvolvimento oculto começa com o corpo vital, e a palavra-chave desse veículo é “repetição”. Para atingirmos melhor os nossos objetivos, a repetição é necessária, pois ela conduz ao entendimento da consumação final, o ponto convergente de toda esta caminhada. Vamos examinar de outro ângulo as três espécies de fogo do interior do Templo.

Perto do portão oriental ficava o Altar dos Sacrifícios. Naquele Altar, a fumaça era continuamente gerada pela queima dos corpos sacrificados, e a coluna de fumo era vista à longa distância e amplamente pela multidão não instruída nos mistérios internos da vida. A chama, a luz escondida nessa nuvem de fumaça, era fracamente percebida por alguns. Isto prova que a grande maioria da humanidade aprende principalmente pelas leis imutáveis da natureza, que exigem certos sacrifícios, quer perceba isso ou não. Do mesmo modo que a chama da purificação era alimentada pelos corpos mais inferiores e grosseiros dos animais sacrificados, como exigia a lei de Moisés, assim também hoje, as massas mais baixas e passionais que compõem a humanidade, estão sendo dominadas muito mais pelo medo da

punição que lhes advirá através das leis do mundo, do que pelo temor do que lhes possa acontecer no mundo vindouro.

Uma luz de natureza diferente brilhava na Sala Leste do Tabernáculo. Em lugar de extrair sua nutrição da carne, saturada de paixão e pecado dos animais sacrificados, era alimentada com o azeite de oliva extraído do casto reino vegetal. Sua chama não era coberta pela fumaça, mas era clara e distinta para que pudesse iluminar o recinto e guiar os sacerdotes, que eram, em seus ofícios, os servos do Templo. Os sacerdotes eram guiados a trabalhar em harmonia com o plano divino, por isso, percebiam a luz mais claramente do que a multidão despreocupada e ignorante. Também hoje, a luz mística brilha para todos aqueles que se esforçam em realmente servir no altar do auto-sacrifício, particularmente para os aspirantes que se filiaram a uma Escola de Mistérios como a da Ordem Rosacruz. Estão caminhando na luz, invisível à multidão, mas, se realmente estiverem servindo, receberão a verdadeira ajuda dos Irmãos Maiores da humanidade, que estão sempre prontos a auxiliar nos momentos difíceis que surgem pelo Caminho.

Entretanto, o fogo mais sagrado de todos era o da Glória de Shekinah, na Sala Oeste do Tabernáculo, acima do Propiciatório. Como esta Sala Oeste era escura, entendemos que ali estava um fogo invisível, uma luz procedente de um outro mundo.

Observemos que o fogo que estava oculto na fumaça e na chama do Altar dos Sacrifícios, consumindo os corpos sacrificados em expiação pelos pecados cometidos sob a lei, era o símbolo de *Jeová, o dador da Lei*. E sabemos que a Lei foi formulada para conduzir-nos a Cristo. A luz clara e bela que brilhava no Vestíbulo do Serviço, a Sala Leste do Tabernáculo, é a cor dourada da luz de Cristo, que guia aqueles que se esforçam por seguir seus passos no caminho do serviço altruísta.

Assim como Cristo disse: “Eu vou ao Meu Pai”, quando estava para ser crucificado, assim também o Servo da Cruz, que aproveitou ao máximo suas oportunidades no mundo visível, tem permissão para entrar na glória do seu Fogo-Pai, a invisível Glória de Shekinah. Então, ele deixa de ver através do cristal opaco do corpo e contempla seu Pai, face a face, nos planos invisíveis da natureza.

A torre da igreja é larga na base, mas, aos poucos, vai-se estreitando até o cume, onde é um ponto suportando a cruz. O mesmo acontece com o caminho da santidade. No princípio podemos permitir-nos muitas coisas, mas, à medida que avançamos, devemos abandonar, um por um, esses desvios e devotar-nos, cada vez mais exclusivamente, ao serviço da santidade. Por fim, chegará um momento em que este caminho é tão fino como o fio de uma navalha, e aí só poderemos agarrar-nos à cruz. Porém, quando tivermos atingido esse ponto, quando pudermos subir ao mais estreito de todos os caminhos, realmente estaremos preparados para seguir o Cristo além, e servir lá como servimos aqui.

Esse antigo símbolo representa as provas e o triunfo do fiel servo. Ainda que outros símbolos de maior grandeza, de ideal mais sublime contendo maiores promessas o tenham superado, o princípio básico encerrado na sua simbologia é tão válido hoje como sempre o foi e será.

No Altar dos Sacrifícios vemos claramente a repelente e inferior natureza do pecado e a necessidade de expiação e *justificação*.

O Mar Fundido ensina-nos que devemos viver uma vida pura, de santidade e consagração.

Da Sala Leste aprendemos hoje como fazer uso apropriado das oportunidades para cultivar o grão dourado do serviço desinteressado, e preparar o “*pão da vida*” que alimenta a alma - o Cristo Interno.

E quando tivermos subido os degraus da Justificação, Consagração e Abnegação Própria, alcançaremos a Sala Oeste, o umbral da Libertação. Dali seremos conduzidos aos reinos mais elevados, onde um maior crescimento anímico ocorrerá.

Embora esse antigo Templo não se encontre mais no lugar onde as antigas hostes errantes levantaram seus acampamentos no longínquo passado, pode ser um fator muito mais poderoso para o crescimento da alma do aspirante atual do que o foi para os antigos israelitas, contanto que ele o construa de acordo com o modelo indicado. Nem há necessidade de haver ouro nele, o que despertaria a cobiça de alguns, pois o verdadeiro Tabernáculo deve ser construído no céu e “*o céu está dentro de nós*”. Para construir bem e verdadeiramente, de acordo com as regras do antigo ofício da Maçonaria Mística, o aspirante deve aprender primeiramente a construir dentro de si, o Altar dos Sacrifícios. Em seguida, deverá orar e vigiar enquanto espera pacientemente que o fogo divino consuma a sua oferenda. Então, deverá banhar-se com as lágrimas do arrependimento até que tenha eliminado totalmente as manchas do pecado. Ao mesmo tempo, deve conservar acesa a lâmpada da divina orientação, sempre suprida para que possa discernir como, quando e onde servir. Ele deve trabalhar duramente para ter abundância de “*Pães da Proposição*”, e o incenso da aspiração e prece deve estar sempre no seu coração, assim como em seus lábios. Então, o *Yom Kippur*, o Grande Dia da Expição, certamente o encontrará preparado para ir ao encontro de seu Pai, e aí aprender como ajudar melhor seus irmãos mais jovens no Caminho da ascensão.

PARTE II
A INICIAÇÃO MÍSTICA CRISTÃ

CAPÍTULO I

A ANUNCIAÇÃO E A IMACULADA CONCEPÇÃO

EM certos lugares do mundo ocidental, fala-se muito a respeito da Iniciação. Na mente de muitas pessoas, isto parece associar-se ao ocultismo ensinado nas religiões do distante oriente, algo peculiar aos devotos do Budismo, Hinduísmo e sistemas semelhantes de fé, e daí pensar-se que nada tenha a ver com a religião do Mundo Ocidental, particularmente com a religião Cristã.

Demonstramos nos capítulos anteriores, nos “Símbolos da Iniciação Antiga e Moderna”, que essa idéia é totalmente gratuita e que o antigo Tabernáculo no Deserto apresenta no seu simbolismo, a marcha progressiva da humanidade desde a sua ignorância infantil até ao conhecimento sobre-humano. Como os *Vedas* traziam luz aos devotos que prestassem culto com fé e fervor às margens do Ganges no ensolarado Sul, também os *Eddas* foram a estrela-guia para os filhos da agreste região do Norte, os quais procuraram a Luz da vida na antiga Islândia, onde os vigorosos Vikings ancoravam seus barcos nos mares gelados. “Arjuna”, que trava uma nobre batalha no “Mahabharata” ou “Grande Guerra” constantemente efetuada entre o Eu Inferior e o Eu Superior, não difere em nada do herói do mito da alma nórdica, “Siegfried”, que significa “*Aquele que através da vitória alcança a paz*”.

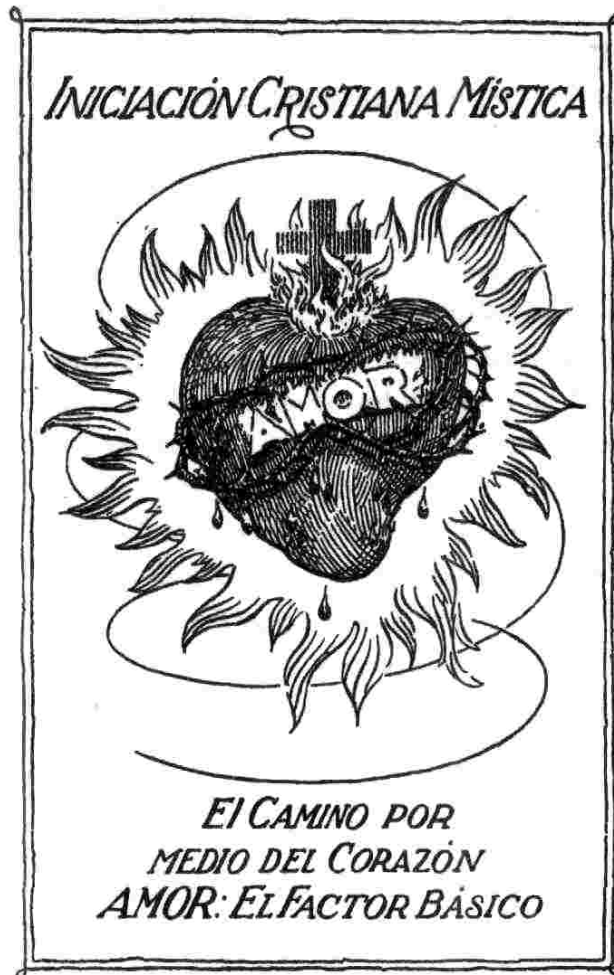
Ambos os heróis representam o candidato em busca da Iniciação. Embora suas experiências nessa grande aventura tenham traços próprios devido aos diferentes temperamentos dos povos do norte e do sul, previstos pelas respectivas escolas às quais as pessoas são enviadas para obterem crescimento anímico, as características principais são idênticas, e o objetivo final, que é a iluminação espiritual, é o mesmo. As almas aspirantes caminharam em busca da Luz através dos templos Persas brilhantemente iluminados, onde o deus-sol, em seu deslumbrante carro de duas rodas, era o símbolo da Luz. Também caminharam sob a mística magnificência dos raios iridescentes difundidos largamente pela aurora boreal no gelado Norte. Há amplas evidências demonstrando que a Luz verdadeira do mais profundo conhecimento esotérico sempre esteve presente em todas as eras, mesmo na mais escura de todas, a chamada Idade das Trevas, a Idade Média.

Rafael empregou seu maravilhoso domínio dos pincéis em seus dois grandes quadros, “A Madona Sistina” e “Casamento da Virgem”, os quais aconselhamos ao leitor interessado examinar cuidadosamente. Cópias desses quadros são muito procuradas em quase todas as galerias de arte. No original há uma tonalidade peculiar num halo dourado atrás da Virgem - e da Criança, e mesmo que seja excessivamente tênue a uma pessoa dotada de visão espiritual, ainda assim está bem próxima da cor do primeiro céu, tanto quanto é possível fazê-lo com os pigmentos da terra. Uma observação mais rigorosa no último plano do quadro, revelará uma multidão de seres, aos quais chamamos “Anjos”, com suas cabeças e asas.

Isso é uma literal representação pictórica dos habitantes do mundo espiritual tanto quanto pode ser revelada, pois durante a permanência nos mundos purgatoriais, que ficam nas regiões inferiores do Mundo do Desejo, as partes inferiores do corpo são realmente desintegradas, e somente a cabeça, que contém a inteligência do homem, permanece quando ele entra no primeiro céu, um fato que intriga muitos que ali podem ver as almas. As asas, naturalmente, não existem fora da pintura, mas têm a finalidade de significar a habilidade da alma em mover-se velozmente, o que é inerente a todos os seres nos mundos invisíveis. O Papa está representado apontando para a Madona e o Cristo Menino. Um exame mais acurado revelará que a mão, com a qual ele aponta, tem seis dedos. Não há nenhuma evidência histórica de que o Papa da época tivesse tal deformidade, nem tão pouco o fato pode ter sido acidental; os seis dedos na pintura devem revelar alguma intenção da parte do pintor.

Qual era o seu propósito, aprenderemos quando examinarmos o quadro “Casamento da Virgem”, onde notamos uma anomalia semelhante. Nele, Maria e José são representados juntos com o menino Jesus, parecendo-nos que estavam às vésperas da partida para o Egito, e também vemos um Rabino unindo-os em matrimônio. O pé esquerdo de José é o elemento mais saliente na pintura, e se contarmos os dedos desse pé, veremos que são seis. Em ambas as pinturas, os seis dedos do Papa e os seis arcos de José significam que Rafael queria indicar que os dois desenvolveram o sexto sentido, faculdade despertada pela Iniciação. Por esse sentido tão sutil, o pé de José era guiado em sua fuga para manter em segurança o ser sagrado que foi confiado aos seus cuidados. O outro adquiriu o sexto sentido para que não fosse um cego liderando outros cegos, mas tivesse desenvolvido “o olho que vê”, requisito para indicar o Caminho, a Verdade e a Vida. É um fato verdadeiro, embora desconhecido por muitos, que com uma ou duas exceções em que o poder político foi suficientemente forte para corromper o Colegiado dos Cardeais, todos aqueles que se sentaram no trono de Pedro tiveram visão espiritual em maior ou menor grau.

Nos capítulos anteriores discorremos sobre “Símbolos da Antiga e Moderna Iniciação” e sobre o Templo de Mistérios Atlante, conhecido como o Tabernáculo no Deserto, que era uma escola para o crescimento anímico. Portanto, não nos pode causar surpresa que os quatro Evangelhos narrativos da vida do Cristo também sejam fórmulas de Iniciação, que revelam um outro e posterior Caminho para a obtenção do poder da alma. Nos antigos Mistérios Egípcios, Horus foi o primeiro exemplo a quem o aspirante esforçava-se por imitar. E é significativo que no Ritual de Iniciação em voga naqueles dias - e que agora conhecemos como o “Livro dos Mortos” - o aspirante à Iniciação fosse sempre chamado Horus fulano-de-tal. Seguindo o mesmo método, atualmente podemos chamar aquele que segue o Caminho da Iniciação Cristã, de Cristo (nome do aspirante), pois os que seguem esse caminho são realmente Cristos em formação. Cada um desses seres, a seu tempo, terá de enfrentar as diferentes estações da Via Dolorosa ou o Caminho do Sofrimento que conduz ao Calvário, e experimentar no próprio corpo as dores e agonias sofridas pelo Herói dos Evangelhos. A Iniciação é um processo cósmico de iluminação e evolução. Por isso, as experiências de todos são semelhantes nos principais acontecimentos.



Iniciação Mística Cristã

O sistema intelectual de uma Iniciação Mística Cristã difere radicalmente do método Rosacruz, que objetiva despertar a compaixão do candidato através do conhecimento, procurando cultivar nele as faculdades latentes da visão e audição espirituais desde o início de sua peregrinação como um aspirante a uma vida superior. É ensinado a conhecer os ocultos mistérios do ser, e perceber, intelectualmente, a unidade de cada um com todos. Por fim, pelo conhecimento, será despertado nele o sentido que o fará perceber verdadeiramente sua ligação com tudo que vive e se move, e isso o porá em perfeita e completa sintonia com o Infinito, tornando-o um verdadeiro auxiliar e trabalhador no divino reino da evolução.

A meta atingida pela Iniciação Mística Cristã é a mesma, porém o método, como se disse, é completamente diferente. Em primeiro lugar, o candidato geralmente encontra-se inconsciente do fato de que está tentando atingir algum objetivo definido, pelo menos no primeiro estágio do seu desenvolvimento. Nesta nobre Escola de Iniciação há somente um Mestre, o Cristo, que surge sempre diante da visão espiritual do candidato como o Ideal e

Meta de toda sua busca. O Mundo Ocidental ficou tão dominado pela intelectualidade, que estes aspirantes somente iniciam a Caminhada quando sentem sua razão satisfeita. E, infelizmente, é só a ânsia por maior conhecimento que traz a maioria dos estudantes para a Escola Rosacruz. R uma árdua tarefa cultivar em seus corações a compaixão, que deve ser mesclada com o conhecimento para tornar-se o seu fator-guia antes que estejam prontos para entrar no Reino de Cristo. Porém, aqueles que são atraídos para o Caminho Místico Cristão, não sentem dificuldades dessa natureza. Eles têm dentro de si um amor-envolvente que os impele ao bem e lhes gera um conhecimento e compreensão que o autor acredita serem muito superiores ao obtido por qualquer outro método. A pessoa que segue o Caminho intelectual do desenvolvimento, tende a desprezar altivamente outra pessoa cujo temperamento a impele a um Caminho Místico. Tal disposição mental, não somente prejudica o desenvolvimento espiritual de quem assim procede, como também é completamente gratuita, como podem demonstrar os trabalhos de Jacob Boehme, Tomás de Kempis e muitos outros que seguiram o Caminho Místico. Quanto maior for o nosso conhecimento, tanto maior será a nossa condenação se fizermos mal uso dele. Mas o amor, que é o princípio básico na vida do Cristão Místico, jamais poderá nos levar à condenação ou a conflitar com a vontade de Deus. É infinitamente melhor ser capaz de sentir emoções nobres, do que ter a habilidade intelectual para definir todas as emoções. Fazer cogitações sobre a evolução do átomo, seguramente não promoverá tanto crescimento e desenvolvimento da alma quanto a dócil e humilde ajuda ao nosso próximo.

Há nove graus definidos na Iniciação Mística Cristã, começando pelo Batismo, que é introdutório. A Anunciação e a Imaculada Conceção precedem a todos eles por razões que serão dadas posteriormente. Estando mentalmente preparados pelas considerações anteriores, encontramos-nos aptos a considerar cada passo separadamente, neste glorioso processo de desenvolvimento espiritual.

A Anunciação e a Imaculada Conceção

O Cristão Místico, enfaticamente afirmamos, não é o produto de uma única vida, mas a essência de várias existências preparatórias, durante as quais cultivou a sublime compaixão que o faz sentir e sofrer todas as dores do mundo, e invocar diante de sua visão espiritual, o Ideal Crístico como o verdadeiro bálsamo de Gileade, a única panacéia para os males do mundo. Semelhante alma é objeto constante de vigilância e cuidados especiais por parte das Hierarquias Divinas, que cuidam de seu progresso ao longo do caminho da evolução. E, quando o momento é oportuno para renascer, quando estiver preparado para trilhar o caminho que o conduzirá à meta e o tornará um Salvador de sua espécie, os anjos ainda assim o vigiam, esperando e cantando hosanas numa feliz antecipação do grande evento.

Os semelhantes sempre atraem os semelhantes, e naturalmente os pais são cuidadosamente selecionados para (e por) receber tão nobre alma dentre os “filhos e filhas do Rei”. Eles devem estar nas mais pobres condições do ponto de vista do mundo. Será necessário embalar o bebê numa manjedoura, mas nenhum presente é tão valioso como o

que é recebido pelos pais de tão nobre alma. Entre as qualificações necessárias para ser pais de tal Ego, é preciso que a mãe seja “uma virgem” e o pai “um construtor”.

Diz-se na Bíblia que José foi um *carpinteiro*, mas a palavra grega “*tekton*” deve ser traduzida por “construtor”. Na Maçonaria Mística, Deus é chamado O Grande Arquiteto. *Arche* em grego significa a substância primordial e um *tekton* é um construtor. Assim, Deus é o Grande Mestre Construtor, o qual moldou o mundo com a matéria primordial preparando um campo evolutivo para vários graus de seres. Ele usa no Seu universo muitos *tektons* ou construtores de vários graus. Qualquer um que siga a Senda do desenvolvimento espiritual, esforçando-se por trabalhar construtivamente com as leis da natureza -como um servo da humanidade - é um *tekton* ou construtor, no sentido que se acha qualificado para ajudar e dar nascimento a uma grande alma. E por isso que se diz que Jesus era um carpinteiro e filho de um carpinteiro, e entendemos que ambos eram *tektons* ou construtores numa linhagem cósmica.

A Imaculada Conceção, como outros sublimes mistérios, tem sido lançada na vala da materialidade e, sendo de tal sublime espiritualidade, talvez sofra mais por esse rude tratamento do que qualquer outro ensinamento espiritual. Talvez sofra ainda mais pelas explicações maldosas dos ignorantes defensores, do que pela jocosidade e zombaria dos cínicos. A doutrina da Imaculada Conceção, conforme explicada popularmente, diz que há dois mil anos, Deus, de um modo milagroso, fecundou uma virgem de nome Maria. Em seguida, ela trouxe ao nascimento o menino Jesus, um ser que, conseqüentemente, era Filho de Deus, diferente de qualquer outro homem. Na mente popular existe a crença de que este é o único caso na história do mundo.

Essa última falácia serviu para distorcer a beleza espiritual da verdade concernente à Imaculada Conceção. De modo algum é o único caso. Toda grande alma que veio ao mundo para viver uma vida de sublime santidade, como a que se exige para a Iniciação Mística Cristã, renasceu através de pais de imaculada virgindade, que não estavam dominados pela paixão durante o ato gerador. “O homem não colhe uvas dos abrolhos”. É uma verdade axiomática que o semelhante atrai o semelhante, e antes que qualquer um se torne um Salvador, deverá ser puro e sem pecado. Sendo puro, não poderá nascer de um vilão; *terá de nascer de pais virgens*.

No entanto, a virgindade a qual nos referimos não diz respeito a uma mera condição física. Não há virtude inerente à virgindade física, pois todos a possuem no início da vida, não importa quão vil possa ser a inclinação de sua natureza. A virgindade da mãe do Salvador é uma qualidade de alma que permanece sem mácula apesar do ato físico da fecundação. Quando as pessoas efetuam o primeiro ato sexual sem o desejo de ensejar vida a um novo ser, meramente para a gratificação de sua luxúria, perdem a única virgindade (física) que possuíam. Mas, quando os pais, unidos num espírito de prece, oferecem seus corpos no Altar dos Sacrifícios com o propósito de favorecer o nascimento de uma alma com um corpo físico necessário à época atual, -e assim obter um maior desenvolvimento espiritual, sua pureza de sentimentos preserva a virgindade e atrai uma nobre alma para o seu lar. Seja a criança concebida em pecado ou -de forma imaculada, de acordo com a sua própria e inerente qualidade de alma, infalivelmente será atraída para pais de natureza semelhante à sua. Ser o filho de uma virgem preconiza que essa alma teve uma existência de elevada espiritualidade nos renascimentos anteriores.

O “nascimento místico” de um “construtor” é um acontecimento cósmico de grande importância. E não surpreende que seja representado nos céus, de ano para ano, indicando, num simbolismo gráfico no grande mundo ou macrocosmo, o que futuramente acontecerá com o homem, o pequeno mundo ou microcosmo. Todos estamos destinados às mesmas experiências pelas quais Jesus passou, inclusive a Imaculada Conceção, que é um pré-requisito na vida dos santos e salvadores de diversos graus. Entendendo esse maravilhoso simbolismo cósmico, mais facilmente perceberemos sua aplicação no ser humano individual.

O Sol é “*a luz do mundo*” num sentido material. Quando no inverno ele atinge a declinação no extremo sul, - no solstício de 23 de dezembro, as pessoas do hemisfério norte, onde nasceram todas as religiões atuais, são envolvidas pela mais profunda escuridão e privadas de toda força vital sustentadora emanada do Sol, - que permanece parcialmente morto no que se refere à sua influência sobre os homens desse hemisfério. Portanto, é necessário que uma nova luz brilhe na escuridão, que um *Sol de Bondade* nasça para salvar a humanidade do frio e da fome resultantes da ausência do Sol no solstício de inverno.

Na noite entre 24 e 25 de dezembro, o Sol, tendo começado a elevar-se vagarosamente em direção ao Equador da Terra, o signo zodiacal de Virgo, a Imaculada Virgem celestial, está no horizonte leste em toda latitude norte (pouco antes da meia-noite). Na ciência da astrologia, considera-se que o signo e o grau da hora do nascimento determinam a forma do corpo do nascituro. Portanto, o Sol da Bondade diz-se que nasceu da Sublime Virgem Celestial, que permanece tão pura quanto antes do nascimento do seu Filho. Por analogia, o Filho de Deus, que veio para a salvação da humanidade, também deveria nascer de uma imaculada virgem espiritual.

De tudo que foi dito, é evidente que um longo período de preparação precede a entrada de um Cristão Místico na atual esfera da vida humana, embora ele, em sua consciência física, esteja completamente alheio à grande aventura que o espera. Há muita probabilidade de sua infância e juventude serem passadas na obscuridade enquanto vive uma profunda preparação interior e está inconscientemente sendo preparado para o Batismo, que é o primeiro degrau deste método de desenvolvimento.

CAPÍTULO II

O RITUAL MÍSTICO DO BATISMO

É digno de nota que quase todas as religiões prescreveram uma ablução prévia para celebrar um ato religioso, e o culto realizado no Antigo Templo de Mistérios Atlante, o Tabernáculo no Deserto, não era uma exceção, conforme vimos nos artigos prévios de “Símbolos da Antiga e Moderna Iniciação”. Após ter obtido a justificação pelo sacrifício no Altar de Bronze, o candidato devia lavar-se no Lavabo da Consagração, o Mar Fundido, antes de ter permissão para receber instruções sobre os deveres de seu ministério no próprio santuário. E, de acordo com estas normas, é que encontramos o Herói dos Evangelhos dirigindo-se ao Rio Jordão, onde Ele passou pelo ritual místico do Batismo. Quando Ele emergiu das águas, diz-se que o Espírito Santo desceu sobre Ele. Por isso, aqueles que seguem o Caminho Místico da Iniciação Cristã, obviamente devem ser batizados antes de poderem receber o Espírito, que será o seu verdadeiro guia em todas as provas que deverão enfrentar.

Mas, o que constitui o Batismo, é uma questão que tem suscitado discussões de intensidade inacreditáveis. Uns entendem que basta uma aspersion com água. Outros insistem que o neófito deve ser imergido de corpo inteiro na água. Alguns ponderam que é suficiente levar uma criança à igreja, aspergir-lhe água, apesar do seu protesto e pronto! Ela se torna uma cristã, uma herdeira do céu. Caso ela morra antes desse ritual, inevitavelmente terá que ir para o inferno. Outros defendem uma posição mais lógica, afirmando que é importante o desejo do próprio indivíduo para sua admissão na Igreja, sendo esse o fator principal e necessário para a realização do ato. Por isso, esperam a idade adulta antes de realizar a cerimônia, que requer a imersão do corpo inteiro na água. Mas, quer o ritual seja realizado na infância ou na idade adulta, parece estranho que uma imersão momentânea ou apenas a aspersion possam salvar uma alma. Quando examinamos a vida daqueles que foram batizados, mesmo na idade adulta com seu pleno consentimento e desejo, encontramos pouco ou nenhum aperfeiçoamento na maioria deles. Assim, parece evidente não ser este o tipo de ritual apropriado, porque o Espírito não desceu sobre eles. Conseqüentemente, devemos buscar uma outra explicação para o que constitui o verdadeiro ritual místico do Batismo.

Conta-se uma história sobre um rei otomano que declarou guerra a uma nação vizinha, travou inúmeras batalhas contra ela, com sucesso em muitas, mas finalmente foi vencido e levado cativo ao palácio do vencedor, onde foi obrigado a trabalhar nos serviços mais humildes como escravo. Após muitos anos, a fortuna favoreceu-o e ele fugiu para um país distante onde, através de um trabalho árduo, adquiriu uma propriedade pequena, casou-se e teve muitos filhos que cresceram à sua volta. Finalmente encontrou-se no leito de morte em idade bem avançada e, ao exalar seu último suspiro, ergueu-se do travesseiro e olhou ao redor, mas não havia lá nenhum de seus filhos ou filhas. Não se encontrava no lar

onde viveu muitos anos, mas no próprio palácio que deixou na juventude, e estava tão jovem como naquele tempo. Viu-se sentado numa cadeira com uma bacia de água perto do seu rosto e um criado ocupava-se em lavar-lhe o cabelo e a barba. Logo que imergiu seu rosto na água, começou a sonhar com a guerra e com toda a sua vida. Isso decorreu nos poucos segundos em que se lavou. Há milhares de outros fatos demonstrando que fora do mundo físico não existe tempo, e que ocorrências milenares são facilmente revistas em poucos minutos.

Sabe-se também que quando uma pessoa está sob a água e prestes a afogar-se, toda sua existência passa diante dos seus olhos com clareza, e mesmo os mínimos detalhes já esquecidos são rememorados inteiramente. Assim, o acervo de todos os acontecimentos volta à consciência sob certas condições, isto é, quando os sentidos estão relaxados, quando estamos sonolentos ou quando nos encontramos à beira da morte.

Para tornar mais claro o que foi dito acima, devemos nos lembrar de que o homem é um ser composto, tendo outros veículos mais sutis que interpenetram o corpo denso, e que normalmente é considerado como o que representa o homem integral. Durante a morte e no sono, o corpo denso torna-se inconsciente devido à completa separação entre ele e os veículos mais sutis. Porém, esta separação é somente parcial durante o sono com sonhos e no momento prévio ao afogamento. Esta condição capacita o espírito a imprimir no cérebro, com maior ou menor intensidade e de acordo com as circunstâncias, os incidentes mais importantes relacionados com a sua vida. A luz destes acontecimentos, podemos entender o que realmente constitui o ritual do Batismo.

De acordo com a Teoria nebular, o que agora é a Terra, foi no passado uma névoa ígnea que gradualmente se esfriou em contato com o frio do espaço. Esse contato do calor com o frio gerou umidade, que se evaporava e se erguia do centro aquecido até condensar-se pelo frio, caindo novamente como umidade sobre o planeta ardente. A superfície da Terra ficou sujeita à alternância da evaporação e liquefação da água por muitos períodos, e finalmente cristalizou-se em uma concha que cobriu inteiramente o centro ígneo. Essa mistura suave que formou a concha, gerou uma neblina que envolveu o planeta como uma atmosfera, e isto foi a origem de tudo quanto existe sobre a Terra: homem, animal e planta.

A narração bíblica descreve essas condições no segundo capítulo do Gênesis, quando lemos que no tempo do primeiro homem, uma névoa saía da Terra, “pois ainda não chovia”. Essa condição perdurou até o Dilúvio, quando a névoa baixou e deixou a atmosfera de tal forma clara que o arco-íris apareceu pela primeira vez. A escuridão foi dissipada e o ciclo das alternâncias, dia-noite, verão-inverno, iniciou-se.

Ao estudarmos a cosmogonia e os relatos pictóricos da evolução encontrados nos Eddas do Norte, entesourados pelos sábios escandinavos antes da Era Cristã, podemos aprender mais sobre esse período da história da Terra e da importância que tem sobre o tema que discorreremos. Do mesmo modo que ensinamos nossos filhos por meio de contos e desenhos as verdades que eles não conseguem captar intelectualmente, a humanidade nascente era ensinada pelos divinos Guias da humanidade através de alegorias e ilustrações que a preparava para ensinamentos mais elevados e nobres no futuro. O grande poema épico, conhecido como “O anel dos Niebelungos”, oferece-nos a história do que nós buscamos, assim como a origem cósmica do ritual do Batismo e por que há necessidade do primeiro passo para o desdobramento espiritual do Cristão Místico.

A cosmogonia dos Eddas é semelhante à da Bíblia em alguns aspectos, e em outros fornece indicações que comprovam a teoria de Laplace.

Transcrevemos a versão poética de Oehlenschlaeger:

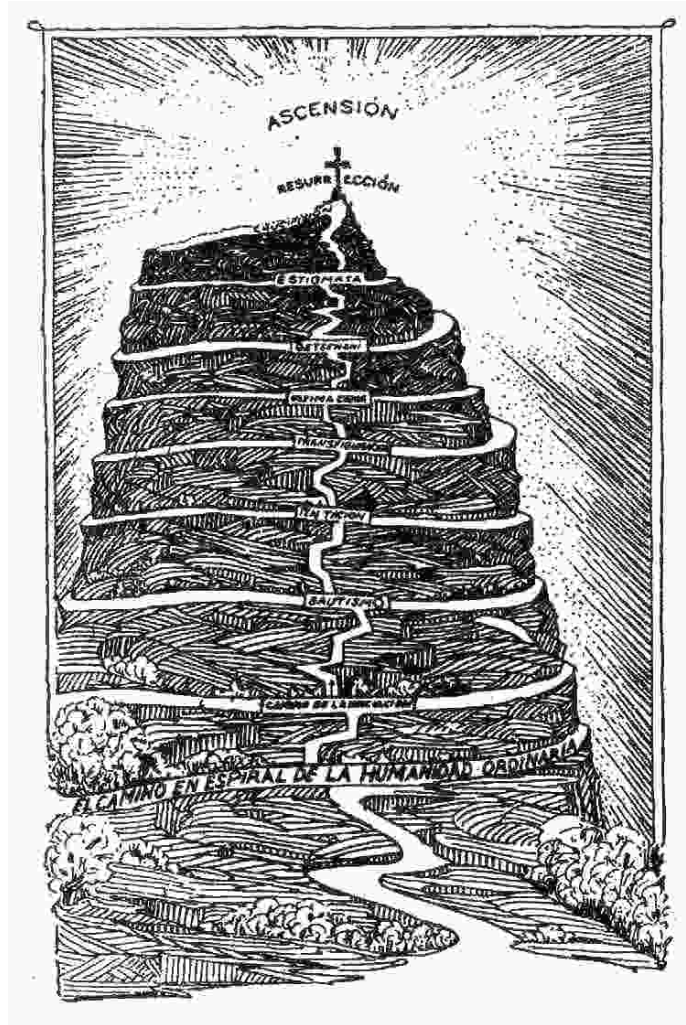
*“Na primitiva alvorada dos Seres
Somente havia um abismo escuro e tenebroso;
Nem terra, nem céu se descortinavam,
E a fria névoa e o gelo pernicioso
Nas montanhas se agrupavam
Vindos do norte, das cavernas obscuras de Niflheim.
Ao sul, do radiante pólo de Muspel, já se podia ver
O fogo irradiando seu poder.
“Após se passarem muitas eras,
A névoa no caos encontrou-se
Com um sopro suave, o vento de Niflheim,
O frio com o calor mesclou-se
E gotas nascentes surgiram
Do ar original.
Assim, da região de Muspel aquecida,
O Grande Aurgelmer veio à vida”.*

Portanto, pela ação do calor e do frio, foi primeiramente formado Aurgelmer, também chamado o Gigante Ymer. Essa foi a semente germinadora por onde vieram as Hierarquias Espirituais, os espíritos da terra, do ar, da água e finalmente o homem. Ao mesmo tempo, o Todo-Poderoso Pai criou a Vaca Audumla, de cujas quatro tetas saíram quatro jatos de leite que nutriam todos os seres. Esses são os quatro éteres: um que sustenta agora o mineral, dois que alimentam a planta, três ao animal e todos os quatro o reino humano. Na Bíblia, eles são os quatro rios que saíam do Paraíso.

De acordo com a ciência, uma crosta deve ter sido formada pela contínua ebulição da água, e desta crosta ascendia uma neblina, como consta do segundo capítulo do Gênesis. Conforme os graus de calor ou frio, a água esfriava e condensava-se ocultando a luz solar, de modo que a humanidade nascente não podia ver o próprio corpo, mesmo possuindo a visão física. Porém, sob tais condições, os homens não necessitavam de olhos, tal como a toupeira que escava a terra. No entanto, não eram cegos e sabemos que “viram Deus”, pois, como as “coisas espirituais (e seres) são percebidos espiritualmente”, eles deviam ser dotados de visão espiritual. Nos mundos espirituais há um tipo de realidade diferente daquela que temos aqui, a qual é a base dos mitos.

Nessas condições não poderia haver choque de interesses, e a humanidade considerava-se filha de um grande Pai enquanto vivia sob a atmosfera nebulosa da antiga Atlântida. O egoísmo surgiu no mundo somente quando a névoa se condensou e o povo teve que deixar a atmosfera aquosa de Atlântida. Quando seus olhos se abriram para que pudessem perceber o mundo físico e as coisas visíveis, e quando cada um se viu separado dos outros e tomou consciência do “eu e meu, tu e teu”, um sentimento de egoísmo

substituiu a fraternidade em que viviam na aquosa Atlântida. Desde então e até hoje, o egoísmo tem sido considerado uma atitude legítima e, mesmo em nossa civilização tão avançada, o altruísmo parece um sonho utópico longe do alcance das pessoas sensatas.



Ascensão

Se a humanidade tivesse permissão de caminhar sob o impulso do egoísmo, livre e sem impedimentos, é difícil prever onde chegaria. Porém, sob a imutável Lei de Conseqüência, toda causa tem que gerar um efeito correspondente. O princípio do sofrimento nasceu do pecado, tendo o benevolente objetivo de levar-nos de volta à virtude. Requer muito, sofrimento, e muitas vidas devem suceder-se para tingirmos essa meta. Mas, quando finalmente nos tornarmos cientes do motivo do sofrimento e compreensivos em relação às provas; quando tivermos cultivado essa pronta e profunda compaixão que nos faz solidários com todas as angústias do mundo; quando o Cristo tiver nascido *dentro* de nós,

então, virá ao Cristão Místico uma ardente inspiração para buscar e salvar aqueles que se encontram perdidos, mostrando-lhes o caminho para a eterna luz e paz.

Entretanto, para indicar-lhes o caminho, precisamos primeiro conhecê-lo. Sem a verdadeira compreensão da *causa dos males*, não podemos guiar outros para que obtenham a paz permanente. Essa compreensão da vida, de seus males e da morte não pode ser obtida em livros ou através de ensinamentos de outra pessoa. Deverá ser uma impressão intensa que preencherá todo o ser do aspirante e não poderá ser adquirido por outros meios. Somente o Batismo proporcionará esse estado de forma adequada, por isso deverá ser o primeiro passo na vida de um Cristão Místico.

Quando dizemos Batismo, não nos referimos necessariamente ao Batismo físico por aspersão ou imersão, onde o candidato faz certas promessas àquele que o batiza. O Batismo Místico pode ocorrer tanto no deserto como numa ilha, pois é um processo espiritual para obter-se um propósito espiritual. Pode acontecer a qualquer momento do dia ou da noite, no verão ou no inverno, no momento em que o aspirante sente intensamente a ânsia de saber as causas dos males e percebe como poderá aliviá-los. Então, o Espírito é conduzido sob as águas da Atlântida, onde ele conhece as condições primitivas do amor e bondade fraternos, onde percebe Deus como o grande Pai de Seus filhos, os quais estão envolvidos por Seu maravilhoso amor. E, pela volta consciente a este Oceano de Amor, o candidato fica de tal forma imbuído deste sentimento de irmandade, que o espírito do egoísmo é banido do seu ser para sempre. Por causa desta saturação do Espírito Universal, é que ele, mais tarde, será capaz de dizer: “Se um homem pede o teu casaco, dá-lhe também a tua capa; se ele te convida a caminhar uma milha, acompanha-o em duas”. Sentindo-se um com todos, o candidato não considera a sua crucificação um sacrifício, e pode dizer: “Pai, perdoai-os”. Ele se identifica com os outros que o fazem sofrer. Ele é o agressor tanto quanto a vítima. Esse é o verdadeiro Batismo Espiritual do Cristão Místico, e qualquer outro batismo que não produza esse sentimento fraterno universal, não é digno de assim ser chamado.

CAPÍTULO III

A TENTACÃO

MUITAS vezes ouvimos os devotos cristãos queixarem-se de seus períodos de depressão. As vezes, encontram-se quase no sétimo céu da exaltação espiritual, pretendem ver a face de Cristo e sentem como se Ele guiasse todos os seus passos. De repente, sem motivo aparente ou qualquer aviso, o Salvador esconde Sua face e o mundo torna-se escuro por um período. Não podem trabalhar, não podem orar; a vida não tem atrativos, a porta do céu parece fechada para eles, e a existência torna-se sem interesse enquanto essa depressão espiritual persiste. Naturalmente, essas pessoas vivem de suas emoções e, sob a imutável Lei de Alternação, o pêndulo balança de um lado para o outro sem encontrar o equilíbrio. Quanto mais brilhante é a luz, mais profundas são as trevas; quanto maior a exaltação, mais profunda é a depressão do espírito. Somente aqueles que, por frieza ou indiferença, reprimem esse estado emocional, escapam do período de depressão, porém nunca experimentam a divina bem-aventurança da exaltação. *E é esta efusão emocional de si mesmo que fornece ao Cristão Místico a dinâmica energia que o projetará nos mundos invisíveis, onde ele se torna um com o ideal espiritual que o atraiu e que despertou em sua alma o poder para elevar-se,* do mesmo modo que o Sol formou o olho para que pudéssemos vê-lo. O filhote, ao sair do ninho, cai muitas vezes antes que aprenda a usar suas asas com segurança. O aspirante que trilha o caminho do Cristão Místico, pode elevar-se até ao trono de Deus freqüentemente, e depois cair no mais profundo abismo, no desespero do inferno. Mas, algum dia ele vencerá o mundo, desafiará a Lei de Alternação e elevar-se-á pela força do Espírito até ao Pai dos Espíritos, livre das lidas das emoções, envolvido pela paz que está além de toda compreensão.

Mas este final será alcançado somente após o Gólgota e o Batismo Místico, já comentado no capítulo anterior. Isto é apenas o começo da jornada do Cristão Místico, na qual ele *se sente plenamente convencido do extraordinário fato da unidade de toda vida,* e imbuído de um sentimento de fraternidade por todas as criaturas, em tal extensão que, desse momento em diante, ele não só enunciará como também praticará os princípios do Sermão da Montanha.

Mesmo que as experiências espirituais do Cristão Místico não o levem além desse estado, ainda assim, ele viverá a maior - aventura no mundo, e a magnitude desse acontecimento jamais poderá ser expressa em palavras e suas conseqüências nem de leve imagináveis. Muitos estudantes das mais elevadas filosofias acreditam na fraternidade entre os homens, pela convicção mental de que todos nos originamos da mesma fonte, assim como os raios emanam do Sol. Mas há um abismo de profundidade inimaginável entre essa fria concepção intelectual e o sagrado batismo do Cristão Místico, que sente isso em seu coração, em cada fibra do seu ser e com intensidade realmente dolorosa para ele. Isto o inflama com um desejo ardente e um amor vivente como o expressam as palavras do

Cristo: “Jerusalém, Jerusalém! Quantas vezes tentei reunir todos os teus filhos, assim como uma galinha reúne seus pintinhos sob suas asas”. Isto significa um amor protetor, aneloso, sofrido, que não pede nada para si, somente o privilégio de cuidar, educar e proteger.

Houvesse apenas um ténue reflexo desse amor universal entre a humanidade nestes dias tenebrosos, que paraíso a Terra seria! Em lugar de um irmão lutar contra o outro de espada na mão, em total rivalidade e competição, querendo destruí-lo moralmente e degradá-lo na prisão ou na servidão industrial sob a pressão da necessidade, não teríamos algozes nem vítimas, mas um mundo feliz vivendo em paz e harmonia, aprendendo as lições que nosso Pai Celestial deseja ensinar-nos nesta condição material. ***E toda a miséria do mundo pode ser atribuída ao fato que, ao acreditarmos na Bíblia, o fazemos com nosso intelecto e não com nosso coração.***

Quando nos elevamos por meio das águas do Batismo - o Dilúvio Atlante - para a Idade do Arco-íris das estações alternantes, tornamo-nos vítimas de emoções variáveis que nos deixam à mercê no mar da vida. A fé indiferente, limitada pela razão e praticada pela maioria dos que professam a religião cristã, pode proporcionar resignação, equilíbrio mental e alguma coragem ante as provas da vida. Mas quando a maioria conquistar a **FÉ VIVA** do Cristão Místico, que supera a razão porque o **CORAÇÃO SENTE**, então, a Idade Alternante passará, o Arco-íris cairá com as nuvens e o ar que agora compõe a atmosfera desaparecerá. Haverá um novo céu de puro éter, onde receberemos o Batismo do Espírito e “haverá paz” (Jerusalém).

Ainda nos encontramos na Idade do Arco-íris, sujeitos às suas leis, e podemos compreender que como o Batismo do Cristão-Místico ocorre num momento de exaltação espiritual, necessariamente deve ser seguido de uma reação. A enorme magnitude da revelação oprime-o, e ele não pode entendê-la, nem conservá-la em seu veículo de carne: Então, foge dos lugares freqüentados pelos homens e refugia-se na solidão, alegoricamente representada por um deserto. Fica tão arrebatado em sua sublime descoberta que, durante o tempo de seu êxtase, pode ver o Tear da Vida, onde são tecidos os corpos de todos os viventes, do menor ao maior - o rato e o homem, o caçador e sua presa, o algoz e sua vítima. Mas não os vê como coisas separadas, porque percebe um divino halo dourado de vida “que os rodeia e a todos une”. E, ainda mais, ouve em cada pessoa uma vibrante nota-chave que canta suas aspirações, entoia suas esperanças e temores, e percebe esse composto de sons e cores como uma antena mundial de Deus feita de carne. A princípio, tudo isso parece estar distante de sua compreensão. A enorme magnitude da descoberta não é percebida por ele, que não pode conceber e explicar o que sente e vê, pois não há palavras capazes de descrevê-la e nenhum conceito pode explicá-la. Mas, pelos graus que vai superando, ele começa a entender que encontrou a verdadeira Fonte da Vida, observando, ou melhor, **SENTINDO** cada pulsação dela, e com essa compreensão atinge o clímax de seu êxtase.

Tão arrebatado fica o Cristão Místico em sua belíssima aventura, que as necessidades físicas são completamente esquecidas enquanto dura o êxtase, e é natural que a sensação de fome seja sua primeira necessidade ao retornar ao estado normal de consciência, quando ouve também a voz da tentação: ***“Ordena que estas pedras se transformem em pão”***.

Poucas passagens das Sagradas Escrituras são mais obscuras do que o início dos versículos do Evangelho de São João: “No princípio era o Verbo... e nada do que foi feito, foi feito sem Ele”. Um pequeno estudo da ciência do som familiariza-nos com o fato de que o som é vibração, e os diferentes sons modelam a areia ou outro material leve em figuras de variadas formas. O Cristão Místico pode ser inteiramente ignorante deste fato, do ponto de vista científico, mas aprendeu na Fonte da Vida a cantar a *Canção do Ser*, que embala a existência de acordo com seu desejo, como se fosse um maestro. Há uma nota-chave básica para a indigesta pedra mineral, mas uma modificação poderá transformá-la em ouro pelo qual se comprará os bens necessários à subsistência. Há outra nota-chave peculiar ao reino vegetal, que o transformará em alimento, um fato conhecido dos ocultistas avançados que praticam legitimamente encantamentos para fins espirituais, porém nunca em proveito próprio ou interesse material.

Mas o Cristão Místico, que acabou de emergir do seu Batismo na Fonte da Vida, contrai-se de horror à simples sugestão de usar seu novo poder para um fim egoísta. Foi a verdadeira qualidade altruística da alma que o conduziu às águas da consagração na Fonte da Vida, e será capaz de sacrificar tudo, até a própria vida, do que usar esse novo poder para livrar-se de uma dor profunda. Será que ele não vê também a tribulação do mundo? Que não sente isso em seu amoroso coração, e com tal intensidade que perde a fome e até a esquece? Ele pode, deseja e usa esse maravilhoso poder para saciar a fome de milhares que se reuniram para ouvi-lo, mas nunca para propósitos egoístas, pois se assim proceder poderá perturbar o equilíbrio do mundo.

Contudo, o Cristão Místico não usa esse raciocínio. Conforme já declaramos, ele não age pela razão, mas tem um guia mais seguro, uma voz interior que sempre lhe fala nos momentos em que deve tomar uma decisão: “*Nem só de pão vive o homem, mas de toda palavra que procede de Deus*” - um outro mistério. O que tem acesso à Fonte da Vida não tem necessidade de partilhar do pão terreno. Quanto mais centramos nossos pensamentos em Deus, menos nos deleitamos com os assim chamados prazeres da mesa. Alimentando nosso corpo com alimentos leves, adquirimos uma iluminação espiritual impossível àqueles que se gratificam com uma alimentação pesada que nutre a natureza inferior. Alguns santos usaram o jejum e flagelação para obter o crescimento da alma, mas é um método incorreto por razões explicadas no artigo “O jejum para o crescimento da alma”, publicado em dezembro de 1915, em um número da revista “Rays from the Rose Cross “. Os Irmãos Maiores da humanidade que entendem a Lei e vivem de acordo com ela, usam o alimento somente a intervalos de anos. A palavra de Deus é para eles “o pão da vida”. Assim também sucede com o Cristão Místico, e a tentação, ao invés de provocar sua queda, eleva-o a maiores alturas.

CAPÍTULO IV

A TRANSFIGURAÇÃO

Recordamos que pelo processo místico do verdadeiro Batismo espiritual, o aspirante torna-se inteiramente plenificado com o Espírito Universal. É um fato real que, pelo sentimento e experiência, ele se torna um com toda essa vida, com tudo que se move e tem seu ser, um com a pulsátil Vida Divina que se eleva em cadência rítmica, igualmente através do menor e do maior. Tendo captado a nota-chave da canção celestial, encontra-se investido de um poder de tremenda magnitude que poderá usar tanto para o bem como para o mal. Precisamos entender e lembrar que a pólvora e a dinamite usadas pelos fazendeiros para extrair os tocos das árvores que, de outra forma, exigiriam grande trabalho manual, também são usadas para propósitos destrutivos na Grande Guerra da Europa. O poder espiritual também pode ser usado para o bem ou para o mal, dependendo do motivo e caráter de quem o usa. Entretanto, aquele que passou pelo ritual do Batismo com êxito e adquiriu poder espiritual é em seguida tentado, para que possa decidir definitivamente se optará por seguir o caminho do bem ou o do mal. Ao atingir este ponto, ele poderá ser tanto um futuro “Parsifal”, um “Cristo”, um “Herodes” ou um “Klingsor” que lutou contra os Cavaleiros do Santo Graal com todos os poderes e recursos dos Irmãos das Trevas.

Há uma tendência na moderna ciência materialista de repudiar como fábula - somente digna da atenção de criaturas supersticiosas, tolas e mulheres idosas - uma idéia comumente aceita na Idade Média de que comunidades espirituais, semelhantes as dos Cavaleiros do Graal e também seres como os “Irmãos das Trevas”, existiram em certa época. Sociedades ocultas na última metade do século têm explicado a milhares de pessoas que os Irmãos da Luz se mantêm ainda em evidência, e podem ser encontrados por aqueles que os procurarem de modo apropriado. Infelizmente, nos dias atuais, a tendência entre esse tipo de pessoas é de aceitar, na sua busca desesperada, qualquer um que se intitule um Mestre ou um Adepto. Entretanto, mesmo entre essas pessoas, poucas consideram seriamente a existência dos “Irmãos das Trevas” e o enorme mal que eles estão produzindo no mundo, e assim são induzidos, pela tendência generalizada da humanidade, a gratificar a sensualidade. As forças do bem, simbolizadas pelos servidores do Santo Graal, vivem e crescem pelo serviço altruísta que aumenta a luminosidade do reluzente Cálice do Graal. Por outro lado, o Poder das Trevas, conhecido como o Graal Negro, é representado na Bíblia pela corte de Herodes, e é alimentado pelo orgulho, sensualidade, voluptuosidade e paixão, estando encorporado na figura de Salomé, que se glorifica pelo assassinato de João Batista e de muitos inocentes. Vimos na lenda do Graal, a obra de Wagner personificada por Parsifal, que quando os Cavaleiros recusavam a inspiração que lhes vinha do Cálice do Graal, que os fortalecia e os impulsionava para grandes feitos e serviços de amor, seu ânimo enfraquecia e eles ficavam inertes. De modo semelhante acontece com os Irmãos do Graal Negro. A menos que sejam robustecidos com atos sórdidos e perversos, morrerão de

inanição. Por isso, eles estão sempre ativos no mundo, cometendo iniquidades e incitando os outros para o mal.

Não fossem os Irmãos Maiores que neutralizam em grande parte essas atividades maléficas à meia-noite, quando se convertem a si mesmos em magnetos para atrair todo mal e pensamentos impuros no Mundo Ocidental, e depois, por meio de uma alquimia de amor' sublime, transmutam esse mal em bem, já teria ocorrido um cataclismo maior do que o da recente Guerra Mundial. Devido a essa atuação, o Gênio do Mal tem sido afastado, até certo ponto. Se a humanidade não estivesse tão inclinada para o mal, o triunfo dessa alquimia seria maior. Entretanto, espera-se que o despertar espiritual, resultante dos males da guerra, modifique esse estado de coisas, fazendo com que as forças construtoras da evolução recebam um grande impulso benéfico.

Há uma força maravilhosa que converge sobre o Cristão Místico no momento de seu Batismo, em conseqüência do descenso e concentração em si do Espírito Universal. E quando, no período de tentação, recusar profaná-lo em proveito próprio ou para adquirir poder, irá necessariamente utilizá-lo em outro sentido, pois sentirá uma agitação interior irresistível que não permitirá que permaneça inativo, numa vida apenas de oração e meditação. O poder de Deus está sobre ele para que pregue as boas novas à humanidade, assim como para ajudar e curar. Sabemos que uma lareira com material ardente não pode impedir que o calor se alastre pelo ambiente. Da mesma forma, o Cristão Místico não tem dúvidas sobre a quem amar ou onde encontrar suas oportunidades de servir. Assim como a lareira aquecida irradia calor a todos que estão próximos, também o Cristão Místico sente o amor de Deus queimando em seu coração, e continuamente o irradia àqueles com quem se põe em contato. Assim como o calor irradiado de um fogão atrai os que sofrem com o frio intenso, também os calorosos raios de amor emanados do Cristão Místico são como magnetos para atrair todos os corações que estejam congelados pela crueldade do mundo, ou seja, pela desumanidade do homem para com o homem.

Se a lareira estivesse vazia mas dotada da faculdade de discursar, poderia pregar o evangelho do calor àqueles que fisicamente sentem frio, porém, a oratória mais admirável jamais conseguiria aquecê-los. Mas, quando está suprida de lenha e irradiando calor, o sermão torna-se desnecessário. As pessoas se aproximam e se sentirão satisfeitas e aquecidas. De modo semelhante, um sermão sobre fraternidade por alguém que não tenha sido banhado na “Fonte da Vida”, soará falso. O verdadeiro Místico não tem necessidade de pregar. Seus atos, e até mesmo sua presença silenciosa, são mais poderosos do que o mais profundo discurso preparado pelos sábios doutores em filosofia.

Há uma história sobre São Francisco de Assis que serve para ilustrar o que dissemos e devemos recordá-la sempre, pois é de extrema importância. Um dia, São Francisco dirigiu-se a um jovem no convento em que residiam e disse: “Irmão, vamos até o povoado para pregar”. O jovem, naturalmente, ficou muito feliz e honrado em acompanhar um homem tão santo como São Francisco. Ambos saíram em direção à vila e foram conversando sobre as coisas espirituais e a vida que conduz a Deus. Absorvidos pela conversa, passaram pelo povoado, caminharam pelas ruas, às vezes paravam para dirigir palavras delicadas e bondosas aos que encontravam. Após percorrer a maior parte das ruas, São Francisco resolveu voltar para a estrada que os conduziria ao mosteiro, quando, de repente, o jovem o lembrou da intenção de vir pregar no povoado e perguntou-lhe se havia

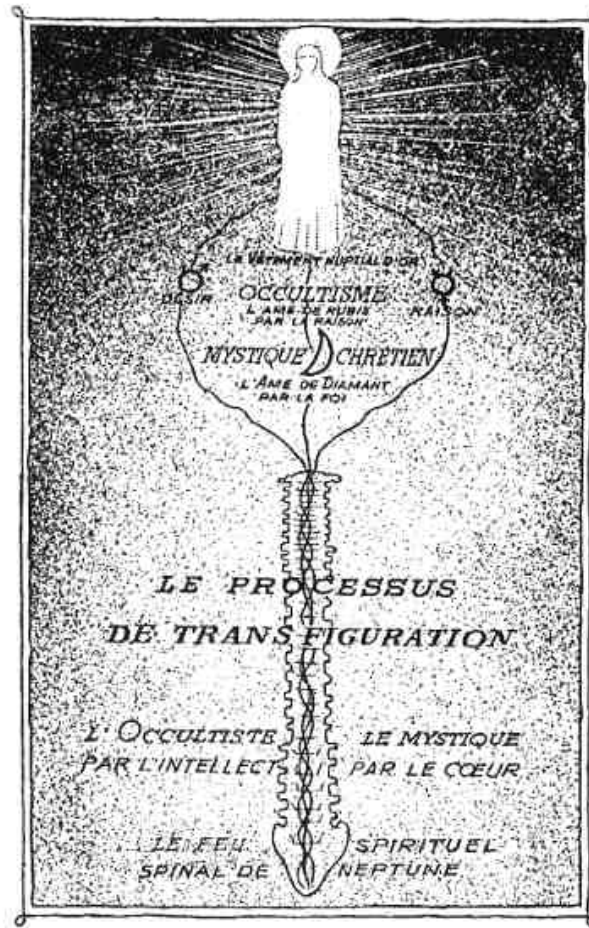
esquecido disso. São Francisco respondeu: “Meu filho, você não percebeu que enquanto percorríamos o povoado, estávamos pregando às pessoas que nos observavam? Em primeiro lugar, nossas vestes simples revelaram que estamos devotados ao serviço de Deus, e os pensamentos daqueles que nos viram dirigiram-se logo para o céu. Percebemos que todos os moradores nos observavam, viram a nossa conduta e verificaram se agimos de acordo com o nosso ideal religioso. Eles nos ouviram e observaram se conversávamos sobre coisas espirituais ou assuntos profanos. Observaram também nossos gestos e anotaram as palavras de simpatia irradiadas diretamente de nossos corações e que repercutiram profundamente no deles. Estivemos pregando um sermão mais poderoso do que se tivéssemos ido à praça do mercado reunindo-os ao nosso redor e saturado seus ouvidos com uma exortação sobre a Santidade”.

São Francisco era um Cristão Místico no mais profundo sentido da palavra, e tendo sido instruído internamente pelo Espírito de Deus, tal como Jacob Boehme e outros santos homens, conhecia bem os mistérios da vida. De certo modo, eles são mais sábios do que os mais sábios das escolas intelectuais, mas não necessitam expor ou utilizar-se de grandes mistérios para cumprir sua missão e servir de guia a outros que buscam Deus. A grande simplicidade de suas palavras e de seus atos contém em si o poder da convicção. Naturalmente, nem todos alcançam o mesmo desenvolvimento. Nem todos possuem os mesmos poderes, do mesmo modo que as lareiras tendo tamanhos distintos produzem calor em intensidades diferentes. Aqueles que seguem o caminho do Cristão Místico, do menor ao maior, experimentam os poderes conferidos pelo Batismo, de acordo com sua capacidade. Eles foram tentados a usar o poder em objetivos maléficos para proveitos pessoais, mas tendo vencido o desejo pelas coisas do mundo, retornaram ao caminho do ministério e do serviço, a exemplo de Cristo. Suas vidas são marcadas não tanto pelo que *dizem*, mas pelo que *fazem*. O verdadeiro Cristão Místico é facilmente distinguido. Ele jamais ocupa os seis dias da semana para preparar uma grande alocução aos seus ouvintes no domingo, mas consome todos os momentos de seu dia no humilde esforço de cumprir a vontade do Mestre, pouca importância dando aos elogios externos. Deste modo, inconscientemente, trabalha sempre, aproximando-se cada vez mais do grandioso clímax que, na história do mais nobre de todos que percorreu esse caminho, é conhecido como: “A Transfiguração”.

A Transfiguração é um processo alquímico pelo qual o corpo físico, formado pela química do processo fisiológico, converte-se na pedra viva, tal como mencionado na Bíblia. Os alquimistas medievais, que buscavam a Pedra Filosofal, não estavam realmente preocupados na transformação dos metais em ouro, mas perseguiam essa meta admirável, como narramos acima.

A umidade concentrada nas nuvens cai sobre a terra em forma de chuva quando suficientemente condensada, e novamente é evaporada pelo calor do Sol formando novas nuvens. Esta é a fórmula cósmica original. O espírito também se condensa na matéria e se torna mineral. Mesmo cristalizado numa estrutura tão dura quanto a pedra, a vida ainda permanece e, pela alquimia da natureza atuando por meio de outra corrente de vida, os constituintes do denso mineral do solo são transformados numa estrutura mais flexível: o vegetal, que serve de alimento ao animal e ao homem. Essas substâncias transformam-se em carne sensível pela alquimia da assimilação. Quando notamos as modificações na

estrutura do corpo humano, evidenciadas por comparação com os “bushmen” (aborígenes da Austrália), os chineses, hindus, latinos, celtas e anglo-saxões, fica plenamente confirmado que o corpo denso do homem atravessa atualmente um processo de refinamento com a erradicação das substâncias grosseiras e inferiores. Com o tempo, pela evolução, este processo de espiritualização fará com que nosso corpo denso se torne transparente e radiante pela Luz que brilhará internamente, luminosa como o rosto de Moisés, como o corpo de Buda e o de Cristo na Transfiguração.



Transfiguração

No presente, a luz do Espírito que em nós habita encontra-se efetivamente obscurecida pelo nosso corpo denso, mas podemos ter esperanças advindas da própria ciência química. Não existe nada no planeta tão raro e precioso quanto o rádio, o extrato luminoso do denso mineral negro chamado pechblenda (uranita); e nada há mais precioso e raro como o extrato do corpo humano, o Cristo radiante. Presentemente estamos

trabalhando para desenvolver o **Cristo Interno**, e quando Ele crescer em sua total estatura, brilhará através do corpo transparente como a **Luz do Mundo**.

É fato anatômico, comumente conhecido, que a coluna vertebral se divide em três partes, através das quais os nervos motores, sensoriais e simpáticos são controlados. Astrologicamente são regidos pela Lua, Marte e Mercúrio, Hierarquias Divinas que desempenham papel importante na evolução humana através dos sistemas nervosos citados. Entre os antigos alquimistas, eles eram designados por três elementos químicos: sal, enxofre e mercúrio. Entre eles e acima deles, colocava-se o Fogo Espiritual de Netuno, que ascende através da coluna em forma serpentina para os ventrículos do cérebro. Na grande maioria das pessoas, o Espírito do Fogo é ainda excessivamente fraco. No entanto, um despertar espiritual ocorre naqueles que passam por uma conversão especial, isto é, pelo Batismo do Cristão Místico. Então, a descida do Espírito, **que é um fato real**, aumenta o Fogo Espiritual Espinhal numa extensão inacreditável, e inicia-se um processo de regeneração em que as substâncias grosseiras do tríplice corpo do homem são gradualmente eliminadas, tornando os veículos mais permeáveis e prontamente sensíveis aos impulsos espirituais. Quanto mais esse processo se desenvolve, mais eficientes servidores eles se tornam na vinha do Senhor.

O despertar espiritual que inicia este processo de regeneração do Cristão Místico, que se purifica pela oração e pelo serviço, chega, naturalmente, também àqueles que buscam Deus pelo caminho do conhecimento e do serviço desinteressado, mas atua em sentido diferente, o que será notado pelo investigados espiritual. No Cristão Místico, o regenerador Fogo Espiritual é concentrado principalmente sobre o segmento lunar da coluna vertebral, que governa os nervos simpáticos sob a regência de Jeová. Por esse motivo, seu crescimento espiritual é efetuado pela fé, tão simples, infantil e indiscutível como nos dias da primitiva Atlântida, quando os homens se encontravam desprovidos da mente. Assim, o aspirante atrai para si a Grande Luz Branca da Divindade refletida através de Jeová, o Espírito Santo, e adquire toda a sabedoria do mundo, sem necessidade de trabalhar através de sua intelectualidade. Gradualmente, seu corpo é transmutado na **branca Pedra Filosofal, a alma diamante**.

Por outro lado, naqueles cujas mentes são fortes e insistem em conhecer a razão de cada máxima ou dogma, o Fogo Espiritual da regeneração atua nos segmentos do vermelho Marte e do incolor Mercúrio, buscando infundir razão ao desejo para purificar a influência passional do primeiro, e assim tornar-se casta como a rosa, transmutando o corpo na **almarubi, a vermelha Pedra Filosofal, provada e purificada pelo Fogo, uma criativa e florescente individualidade**.

Todos os que estão buscando o Caminho, seja pelo ocultismo ou pelo misticismo, tecem o “Dourado Manto Nupcial” trabalhado tanto interna como externamente. Em alguns, o ouro é extremamente pálido e em outros profundamente avermelhado. Mas, futuramente, quando o processo da Transfiguração tiver sido completado ou próximo a isso, os extremos misturar-se-ão e os corpos transfigurados terão uma cor equilibrada, pois o ocultista deve aprender as lições com profunda devoção, o mesmo fazendo o Cristão Místico para adquirir conhecimento pelo próprio esforço, sem necessidade de atrai-lo da fonte universal de toda sabedoria.

Estas considerações dão-nos um profundo conhecimento da Transfiguração apresentada nos Evangelhos. Lembremo-nos que os veículos de Jesus foram transfigurados, temporariamente, pelo Espírito de Cristo que habitava neles. Mas, mesmo considerando a enorme potencialidade do Espírito de Cristo em efetuar a Transfiguração, é evidente que Jesus devia ser um sublime caráter, sem mácula. A Transfiguração como é vista na Memória da Natureza revela o corpo de Jesus de uma brancura deslumbrante, evidenciando sua comunhão com o Pai, o Espírito Universal. Há uma grande diversidade nos atuais desenvolvimentos espirituais, porém, no reino de Cristo, essas diferenças desaparecerão gradualmente, e uma cor uniforme, indicando tanto a devoção como o conhecimento, será alcançada por todos. Essa cor corresponderá ao cor-de-rosa, vista pelos ocultistas como o Sol Espiritual, o veículo do Pai. Quando isso acontecer, a Transfiguração da humanidade será completa. Então, seremos um com nosso Pai e Seu Reino terá chegado.

CAPÍTULO V

A ÚLTIMA CEIA E O LAVA-PÉS

OS Evangelhos, que relatam a história da Iniciação Mística Cristã, contam-nos como numa noite, quando Cristo participava da última ceia com Seus discípulos no término do seu Ministério, Ele ergueu-se da mesa, munuiu-se de uma toalha, despejou água numa bacia e começou a lavar-lhes os pés, num ato do mais humilde serviço, porém da mais alta significação oculta.

Quando ascendemos na escala da evolução, poucos percebem que atingimos esse feito porque calcamos os corpos de nossos irmãos mais fracos; consciente ou inconscientemente pisamos-los e usamos-los como trampolins para atingir nossos próprios objetivos. Isso acontece em todos os reinos da Natureza. Quando uma onda de vida é conduzida ao nadir da involução, ficando encrustrada na forma de mineral, é imediatamente apoderada por outra onda de vida ligeiramente superior, que recebe o desintegrante cristal mineral, transforma-o em cristalóide e assimila-o como parte de uma forma vegetal. Se não houvessem minerais para desintegrar-se e transformar-se, a vida vegetal seria impossível. Da mesma maneira, as formas vegetais são absorvidas por numerosas classes de animais, são trituradas, reduzidas a uma pasta, consumidas e transformadas para servir de nutrição a esse reino mais elevado. Se não houvessem plantas, o reino animal não existiria. Pelo mesmo princípio, na evolução espiritual, se não houvessem discípulos numa esfera inferior tentando galgar os degraus do conhecimento através da instrução, não haveria necessidade de um mestre. Porém, precisamos notar aqui uma diferença muito importante. O professor cresce dando e servindo aos seus alunos. Através deles, ele também alcança um degrau mais alto na escala do conhecimento. Eleva-se, elevando-os. Não obstante, tem uma dívida de gratidão para com eles, que é simbolicamente reconhecida pelo lava-pés - um ato de serviço humilde aos que o serviram.

Devemos entender que a natureza é a expressão de Deus. Ela está continuamente empenhada em criar e expandir-se. Também devemos nos conscientizar que quem mata alguma coisa, por pequena e aparentemente insignificante que seja, de algum modo age contra o plano de Deus. Isto se aplica de modo particular ao aspirante a uma vida superior e, por esse motivo, o Cristo exortou os Seus discípulos a serem sábios como as serpentes mas inofensivos como as pombas. E não importa quão honestos sejam os nossos propósitos de seguir os preceitos de não prejudicar; nossa constituição e necessidades obrigam-nos a matar em todos os momentos de nossas vidas, e não são somente nas grandes coisas que amiúde cometemos assassinatos. Seria praticamente fácil para a alma que busca, simbolizada por Parsifal, quebrar o arco com o qual havia matado o cisne dos Cavaleiros do Graal, uma vez que eles lhe explicaram o erro em que incorrera. Desde aquele momento, Parsifal dedicou-se a viver uma vida inofensiva, considerando os fatores nisso envolvidos. Todos os aspirantes zelosos seguem-no de bom grado nesse ato, uma vez que começaram a

compreender quão destrutiva é essa prática de compartilhar do alimento que requer a morte de um animal.

Porém, mesmo os mais nobres e bem intencionados homens estão, em cada respiração, envenenando constantemente os que os rodeiam e, por sua vez, estão sendo envenenados por eles, pois todos exalam o venenoso e mortífero dióxido de carbono. Por isso, somos uma ameaça uns aos outros. Não se trata de uma idéia extravagante. Pelo contrário, é um perigo real que se manifestará muito mais com o correr do tempo, quando o corpo do homem ficar mais sensível. Em um submarino danificado ou sob condições similares onde haja um aglomerado de pessoas, o dióxido de carbono por elas exalado, em pouco tempo tornará o ar impróprio para manter a vida. Há uma história sobre uma insurreição na Índia, em que certo número de prisioneiros ingleses foram amontoados num cubículo onde havia uma só brecha por onde penetrava algum ar. Rapidamente o oxigênio esgotou-se e os pobres prisioneiros começaram a lutar entre si como animais a fim de alcançar um lugar próximo àquela abertura, e quase todos morreram pela luta e posterior asfixia.

O mesmo princípio configurava-se no antigo Templo de Mistérios Atlante, o Tabernáculo no Deserto, onde um odor nauseante e uma fumaça sufocante provinham do Altar dos Sacrifícios, quando os corpos carregados de veneno das vítimas sacrificadas pelo pecado de seus ofertantes eram consumidos, e onde a luz brilhava fracamente através da fumaça que a envolvia. Isto está em pleno contraste com a luz clara e brilhante do Candelabro de Sete Braços, alimentado com o puro azeite de oliva extraído da planta pura, e onde o incenso, simbolizado pelo serviço voluntariamente prestado pelos devotados sacerdotes, elevava-se aos céus com um suave aroma. Como já foi dito em outras ocasiões, a fragrância desse incenso agradava a Divindade, enquanto o sangue das vítimas, os touros e as ovelhas, eram uma fonte de desgosto e pesar a Deus, que se deleita mais com o sacrifício da prece que favorece o devoto e a ninguém causa dano.

Já ouvimos falar de alguns santos que exalavam um suave odor, e repetimos que isto nada tem de fantástico - é um fato oculto. A grande maioria da humanidade aspira em todos os momentos da vida o oxigênio vitalizante contido na atmosfera circundante. A cada expiração exalamos uma carga de dióxido de carbono que é um veneno mortal e que certamente viciaria o ar se a casta planta não absorvesse esse veneno, usando parte dele para construir corpos que permanecem por séculos e até milênios, como as sequóias da Califórnia, devolvendo-nos o restante em forma de oxigênio puro que necessitamos para viver. Essas plantas carboníferas, por um processo ulterior da natureza, foram no passado mineralizadas, tornando-se pedras em vez de se desintegrarem. Encontramo-las hoje como carvão - *a perecível Pedra Filosofal elaborada por meios naturais nos laboratórios da natureza*. Porém, a Pedra Filosofal também pode ser construída artificialmente pelo homem e por seu próprio corpo. Devemos entender definitivamente que a Pedra Filosofal não é elaborada num laboratório químico externo, mas que o corpo físico do homem é o laboratório do Espírito que contém todos os elementos necessários para produzir este *elixir da vida*. A Pedra Filosofal não está na parte exterior do corpo, mas *é o próprio alquimista que se torna a Pedra Filosofal*. O sal, o enxofre e o mercúrio, emblematicamente contidos nos três segmentos da coluna vertebral que controla os nervos simpático, motor e sensorial,

são governados pelo Fogo Espiritual Espinhal de Netuno, constituindo os elementos essenciais no processo alquímico.

Não há necessidade de argumentos para demonstrarmos que a indulgência com a sensualidade, a brutalidade e a bestialidade degeneram o corpo. Pelo contrário, a devoção para com a Divindade, uma atitude constante de prece, um sentimento de amor e compaixão por tudo que tem vida e movimento, pensamentos de amor enviados a todos os seres, são inevitavelmente devolvidos com o mesmo sentimento. Tudo isso purificará e espiritualizará nossa natureza. Referimo-nos a uma pessoa desta espécie como de alguém que consegue respirar e irradiar amor, cuja expressão descreve muito mais do que podemos imaginar. Observamos também que a quantidade de veneno contido na respiração de uma pessoa, está na proporção direta da perversidade existente em sua natureza, de sua vivência interior e de pensamentos que emite. O iogue hindu, em certo grau de seu desenvolvimento, é encerrado numa caverna, não muito maior que seu corpo. Deverá ficar ali durante semanas respirando muitas e muitas vezes o mesmo ar, para demonstrar que ele cessou de exalar o mortífero dióxido de carbono e está começando a construir seu corpo a partir disso.

A Pedra Filosofal entretanto, não é um corpo da mesma natureza da planta, embora seja pura e casta. É um *corpo celestial*, como ao que São Paulo se refere no quinto capítulo da segunda Epístola aos Coríntios, um corpo que se torna imortal como um diamante ou um rubi. Não é duro e inflexível como o mineral; é um *diamante macio ou um rubi*, e para cada ato altruísta dessa natureza, o Cristão Místico está construindo esse corpo, embora ele provavelmente esteja inconsciente disso por muito tempo. Quando atingir esse ponto de Santidade, não terá necessidade de lavar os pés de seus discípulos que o ajudaram a elevar-se. Mas terá sempre o sentimento de gratidão simbolizado por aquele ato, e também o reconhecimento de todos que tiveram o privilégio de ser atraídos como seus discípulos, aos quais ele deverá dar o pão da vida que nutre e conduz à imortalidade.

Os estudantes, devem compreender que isto é parte do processo que eventualmente culmina na Transfiguração, mas também devem entender que na Iniciação Mística Cristã não existem graus definidos. O candidato vê o Cristo como o autor, princípio e fim de sua fé, procurando imitá-Lo e seguir Seus passos em todos os momentos de sua existência. É assim que os diversos estágios que estamos considerando são alcançados pelo processo do crescimento da alma que, simultaneamente, o levam aos mais elevados graus espirituais. Nesse aspecto, uma Iniciação Mística Cristã intelectual, difere radicalmente do processo usual dos Rosacruzes, onde o entendimento e a compaixão por parte do candidato são indispensáveis. Mas, chega o momento em que o Cristão Místico deve conhecer e entender o Caminho colocado diante dele, e isso é o que constitui o Getsêmani, que consideraremos no próximo capítulo.

CAPÍTULO VI

GETSÊMANI, O HORTO DA AGONIA

E quando eles entoaram um hino, dirigiram-se ao Monte das Oliveiras. “Então, disse-lhes Jesus: A todos vós eu serei esta noite motivo de escândalo, pois está escrito: Ferirei o Pastor e as ovelhas se dispersarão. Mas, depois que eu ressuscitar, preceder-vos-ei na Galiléia.

“E Pedro disse-lhe: Ainda que todos se escandalizem a teu respeito, eu não me escandalizarei.

“E Jesus respondeu: Em verdade te digo, que hoje nesta mesma noite, antes que o galo cante, tu negar-me-ás três vezes.

“Mas ele insistiu mais veementemente: Ainda que me seja preciso morrer contigo, não te negarei. E todos diziam o mesmo.

“E chegaram a um horto, chamado Getsêmani. E Jesus disse a seus discípulos: Sentai-vos aqui, enquanto eu oro. E levou consigo Pedro, Tiago e João; e começou a sentir pavor e abatimento. E disse-lhes: A minha alma está numa tristeza mortal; ficai aqui e vigiai. E tendo-se adiantado um pouco, prostrou-se por terra; e pedia que, se fosse possível, aquela hora se afastasse d'Ele. E disse: Abba, Pai, todas as coisas Te são possíveis, afasta de mim este cálice; porém, não se faça o que Eu quero, mas o que Tu queres. E voltou e encontrou-os dormindo. E disse a Pedro: Simão, dormes? Não pudeste vigiar uma hora? Vigiai e orai para que não entreis em tentação. O Espírito na verdade está pronto, mas a carne é fraca”. - Marcos 14:26-38.

Neste trecho narrativo dos Evangelhos encontramos uma das mais tristes e difíceis experiências do Cristão Místico, delineada em forma espiritual. Durante toda a sua experiência anterior, ele vagueou cegamente, isto é, cego no, sentido de que estava no Caminho. No entanto, sabia que este caminhar, quando resolutamente seguido, conduz a uma meta definida, embora também seja muito afetado pelo sofrimento da humanidade. Cristo concentrou todo seu esforço em aliviar as dores físicas, morais e mentais dos outros; Ele os serviu com toda dedicação; ensinou-lhes o evangelho do amor: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo”, e sempre foi um *exemplo vivo* para todos na prática deste mandamento. Reuniu em torno de si um pequeno número de amigos, aos quais amou com a mais terna afeição. Ensinou-os e serviu-os conscientemente até a cerimônia do lava-pés. Entretanto, durante esse período de serviço, Ele sentiu-se tão impregnado pelas tristezas do mundo, que se tornou um Homem Sofrido, e de tal forma familiarizou-se com a dor, que padeceu mais do que qualquer outro ser.

Esta é também uma experiência do Cristão Místico, e é o fator mais importante para acelerar o seu progresso espiritual. Enquanto nos sentirmos importunados pelas pessoas que nos vêm trazer seus problemas, enquanto fugirmos delas enfadados evitando ouvir seus desabafos angustiados, estaremos bem longe do Caminho. Mesmo quando os ouvimos

disfarçando nosso mau humor e proferindo poucas palavras de simpatia que soarão friamente em seus ouvidos, nada ganharemos em crescimento espiritual. É absolutamente essencial ao Cristão Místico que sintonize os sentimentos do mundo, que sinta cada dor em sua própria carne e em seu coração.

Quando Parsifal permaneceu no templo do Santo Graal e presenciou o sofrimento de Amfortas, o ferido Rei do Graal, ele ficou mudo, sentindo simpatia e compaixão mesmo depois do cortejo ter passado pelo átrio e, conseqüentemente, não pôde responder às perguntas de Gurnemanz. Seu profundo sentimento de fraternidade levou-o prontamente a procurar a lança que curaria Amfortas. ***Foi a dor de Amfortas, sentida no coração de Parsifal por compaixão, que o manteve firmemente no caminho da virtude quando a tentação se tornou mais forte.*** Foi a dor profunda da compaixão que o estimulou por muitos anos na procura do sofrido Rei do Graal. Finalmente, quando encontrou Amfortas, foi aquele sentimento amoroso que o capacitou a empregar com sabedoria o bálsamo curativo.

Assim como está demonstrado no mito-alma de Parsifal, assim também ocorre na vida e na experiência do Cristão Místico: ele deve beber profundamente do cálice da amargura até esgota-lo, de modo que as dores acumuladas em seu coração façam que se ofereça, sem reservas nem limites, ao serviço de cura, ajudando a todos. Então, o Getsêmani, o Horto da Agonia, será um lugar familiar para ele, lavado com as lágrimas da amargura e dos sofrimentos da humanidade.

Em todos os anos de auto-sacrifício, seu pequeno grupo de amigos foi um consolo para Jesus. Ele já aprendera a renunciar aos laços de sangue. “Quem é minha mãe e quem são meus irmãos? São todos aqueles que fazem a vontade de meu Pai”. Muito embora nenhum Cristão verdadeiro deva negligenciar suas obrigações sociais ou recusar o amor de seus familiares, os laços espirituais são, sem dúvida, os mais fortes e através deles vem a coroa de sofrimentos. Pela deserção de seus amigos espirituais, ele aprende a beber até ao fim a taça da amargura. Ele não os culpa pela deserção, mas desculpa-os com as palavras: “O Espírito na verdade está pronto, mas a carne é fraca”, pois sabe, por experiência própria, quão verdadeira é essa sentença. Mas Ele percebe, no sofrimento supremo, que eles não podem confortá-lo. Então, volta-se para ***a única fonte de conforto, o Pai no Céu.*** Ele chegou ao ponto em que a resistência humana parece ter atingido o seu limite, e reza pedindo clemência para a sua provação, mas, com uma confiança cega no Pai, Ele se curva à Sua vontade, oferecendo-se inteiramente, sem reservas.

Este é o momento da realização. Tendo bebido completamente do cálice da amargura, abandonado por todos, experimenta o temor medonho de estar absolutamente só, talvez a pior experiência da vida de um ser humano. O mundo parece envolvido em trevas. Ele percebe que, apesar de todo bem que fez ou tentou fazer, o poder das trevas está procurando derrubá-lo. Ele sabe que a turba, que dias atrás lhe acenou com “Hosanas”, amanhã estará pronta a gritar “Crucificai-o, Crucificai-o”. Seus familiares e agora Seus poucos amigos desapareceram e estavam prontos a negá-Lo.

Entretanto, quando nos encontramos no pináculo do sofrimento, também estamos mais próximos do Trono da Graça. As dores, tristezas, agonias e sofrimentos nascidos no seio do Cristão Místico, são mais preciosos e valiosos do que as riquezas das índias. Quando ele tiver perdido a companhia de todos os homens e se entregar inteiramente ao

Pai, uma transformação ocorrerá: as penas irão transformar-se em compaixão, o único poder do mundo capaz de fortalecer um homem na escalada do Gólgota para dar sua vida pela humanidade, não como um sacrifício mortal, mas como um sacrifício vivente, elevando-se na medida em que elevar outros.

CAPÍTULO VII

O ESTIGMA E A CRUCIFICAÇÃO

Dissemos em vários capítulos anteriores, que a Iniciação Mística Cristã difere radicalmente da Iniciação Oculta empreendida por aqueles que se aproximam do Caminho pelo lado intelectual. No entanto, todos os caminhos convergem para o Getsêmani, onde o candidato à Iniciação fica impregnado de dor e tristeza que se transformam e depois florescem em compaixão. Experimenta um ardente amor maternal que tem um único e absorvente desejo: sacrificar-se para aliviar o sofrimento do mundo; salvar e amparar os que são fracos; ajudar os que carregam muita carga; confortar seus semelhantes e proporcionar-lhes repouso. Neste momento, os olhos do Cristão Místico são abertos na plena compreensão das misérias do mundo e de sua missão de tornar-se um Salvador. O ocultista também descobre ali o sentido do amor, o único sentimento que transmite afeto, zelo e dedicação. Pela união da mente e do coração, ambos estão preparados para o próximo passo, que compreende a manifestação dos estigmas, a preparação necessária para a morte e ressurreição místicas. A narração dos Evangelhos relata a história dos estigmas nas palavras seguintes, cuja primeira cena desenrola-se no Horto de Getsêmani:

“Tendo Judas tomado a companhia de soldados e guardas, fornecidos pelos pontífices e fariseus, foi lá com lanternas, archotes e armas. Mas Jesus, que sabia tudo o que lhe ia acontecer, adiantou-se e disse-lhes: A quem buscais? Responderam-lhe: A Jesus Nazareno. Disse-lhes Jesus: Sou eu... Então, o tribuno e os guardas dos judeus prenderam Jesus e manietaram-no. Primeiramente levaram-no à casa de Anãs... Entretanto, o pontífice interrogou-o sobre os Seus discípulos e Sua doutrina. Jesus respondeu-lhe: “Eu falei publicamente ao mundo... Por quê ma interrogas? Interroga aqueles que ouviram o que eu lhes disse; eles sabem o que eu ensinei. Agora Anás enviou-o manietado ao pontífice Caifás... Levaram, pois, Jesus, da casa de Caifás ao Pretório...”

“Pilatos saiu fora para lhes falar e disse: Que acusação apresentais contra este homem? Responderam e disseram-lhe: Se este não fosse um malfeitor, não o entregaríamos nas tuas mãos... Então, Pilatos entrou no Pretório novamente e chamou Jesus; e disse-lhe: Tu és o rei dos Judeus? Respondeu Jesus: Tu dizes isso de ti mesmo ou foram outros que te disseram de mim?... O meu reino não é deste mundo; se o meu reino fosse deste mundo, certamente os meus ministros se haviam de esforçar para que eu não fosse entregue aos Judeus; mas o meu reino não é daqui. Disse-lhe então Pilatos: Logo, tu és rei? Respondeu Jesus: Tu o dizes, sou rei. Nasci e vim ao mundo para dar testemunho da verdade; todo o que está pela verdade, ouve a minha voz. Disse-lhe Pilatos: Que coisa é a verdade? E, dito isto, tornou a sair para ir ter com os Judeus e disse-lhes: Não encontro nele crime algum. Ora, é costume que eu, pela Páscoa, vos solte um prisioneiro; quereis, pois, que eu vos solte o rei dos Judeus? Então, gritaram todos novamente, dizendo: Não este homem, mas Barrabás. Ora, Barrabás era um ladrão. Pilatos então tomou Jesus e mandou que o

açoitassem. E os soldados, tecendo **uma coroa de espinhos**, puseram-na sobre sua cabeça e revestiram-no com um manto de púrpura. Depois aproximavam-se dele e diziam: Deus te salve, rei dos Judeus e davam-lhe bofetadas.

“Saiu Pilatos outra vez fora, e disse-lhes: Eis que vo-lo trago fora, para que conheçais que não encontro nele crime algum. Saiu, e eis Jesus trazendo a coroa de espinhos e o manto de púrpura. E Pilatos disse-lhes: Eis aqui o homem! Então, os ministros e os príncipes dos sacerdotes tendo-o visto, gritaram, dizendo: Crucificai-o, crucificai-o! Disse-lhes Pilatos: Tomai-o vós e crucificai-o, porque eu não encontro nele crime algum. Responderam-lhe os Judeus: Nós temos uma lei e, segundo a lei, deve morrer, porque se fez filho de Deus... Pilatos procurava soltá-lo. Porém, os Judeus gritavam dizendo: Se soltas este, não és amigo de César, porque todo aquele que se faz rei, é contra César... Eles gritavam: Tira-o, tira-o, crucifica-o! Disse-lhes Pilatos: Porque eu hei de crucificar o vosso rei? Responderam os pontífices: Não temos outro rei senão César. Então, entregou-o para que fosse crucificado. Eles tomaram Jesus e conduziram-no para fora. E, carregando sua cruz, saiu para um lugar que se chama Calvário, em hebraico Gólgota, onde o crucificaram, e com ele outros dois, um de cada lado e Jesus no meio. E Pilatos escreveu também um título e o pôs sobre a cruz. E estava escrito: **Jesus de NaZareth, o Rei dos Judeus**”.

Aqui temos o relato de como os **estígmata** ou as chagas foram produzidas no Herói dos Evangelhos, embora a sua localização não tenha sido descrita corretamente e o processo esteja representado de uma forma narrativa, diferindo amplamente da maneira como estes fatos realmente aconteceram. Realmente, estamos diante de um dos Mistérios que devem permanecer selados para o profano, ainda que os fatos místicos subsequentes sejam tão claros como o dia para aqueles que a conhecem. O corpo físico não é absolutamente o homem real. Tangível, sólido e dotado de vida como o vemos, é, na verdade, a parte mais morta do ser humano, cristalizado dentro de uma matriz de veículos mais sutis, que são invisíveis à nossa visão física atual. Se colocarmos uma bacia com água numa temperatura baixa, a água prontamente se converterá em gelo. Ao examinarmos esse gelo, encontraremos inúmeros e diminutos cristais com variadas formas geométricas e linhas de demarcação. Trata-se de linhas de força etérica, que estavam presentes na água antes desta se congelar. Do mesmo modo que a água endureceu e se modelou a essas linhas, assim também nossos corpos físicos congelam-se e solidificam-se ao longo das linhas de força etérica de nosso invisível corpo vital que, no curso normal da vida, se encontra emaranhadamente unido ao corpo denso - esteja ele desperto ou adormecido - até que à morte dissolva essa ligação. Mas, como a Iniciação implica na liberação do **homem verdadeiro** do corpo de pecado e da morte, a fim de que possa voar muito alto nas esferas mais sutis à sua vontade, e voltar no momento que desejar, é óbvio que antes que isto possa ser alcançado, antes que o objetivo da Iniciação se realize completamente, a engrenagem do corpo denso e do veículo etérico, que é tão forte e rígido na humanidade comum, precisa ser desfeita. Como essa união é mais forte e sentida na palma das mãos, no arco dos pés e na cabeça, as escolas de ocultismo concentram seus esforços para cortar a conexão em tais pontos e produzir os **estígmata invisivelmente**.

Ao Cristão Místico falta-lhe conhecimento de como atuar sem produzir manifestação exterior. O estigma desenvolve-se nele espontaneamente por sua devoção a Cristo e por seus constantes esforços em imitá-Lo em todos os momentos. Esse estigma

externo não compreende somente as chagas das mãos, dos pés e também das costas, mas todas aquelas impressas na cabeça pela coroa de espinhos e pela flagelação.

O caso mais notável referente aos estigmas, é o que ocorreu no ano 1.224 a São Francisco, na montanha de Alverno. Estando absorto na contemplação da Paixão, ele viu um serafim deslumbrante aproximar-se, resplandecente em fogo e tendo entre suas asas a figura do crucificado. São Francisco surpreendeu-se ao ver suas mãos, pés e um lado do corpo receberem externamente as marcas da crucificação. Essas marcas permaneceram nele durante dois anos até a sua morte; e muitas testemunhas oculares dizem que as viram, inclusive o Papa Alexandre II.

Os Dominicanos polemizaram o acontecimento, no entanto, reclamaram e exigiram a mesma credibilidade para Santa Catarina de Sena, cujos estigmas ficavam ` invisíveis por sua própria vontade. Os Franciscanos apelaram a Sixto IV para que não permitisse que os estigmas fossem apresentados ao público em geral, e o Papa assim o fez proibindo que esses estigmas fossem vistos. Ainda mais, o acontecimento dos estigmas consta do Breviário dos Ofícios, e Benedito XIII concedeu aos dominicanos uma festa para comemorar esse fato. Outras pessoas, principalmente mulheres, que têm o corpo vital positivo, dizem que possuem alguns ou todos os estigmas. A última a ser canonizada pela Igreja Católica por esta razão, foi Verônica Giuliana (1831) . Há casos mais recentes, como os de Anna Catherine Emmerich, que se tornou monja em Agnetenberg; a estática Maria Von Moerl de Caldero; Louise Lateau, cujo *estigma* dizem que sangrava todas as sextas-feiras; e Mrs. Girling da comunidade de Newport Shaker.

No entanto, sejam os estigmas visíveis ou invisíveis, o efeito é o mesmo. As correntes espirituais geradas no corpo vital da pessoa são tão poderosas, que o corpo é flagelado por elas, especialmente na região da cabeça, de onde produz um efeito parecido ao da coroa de espinhos. Devido a isso, a pessoa passa a ter a convicção de que o corpo físico é uma cruz que está carregando, uma prisão e não o homem real. Isto o conduz ao próximo passo da Iniciação, isto é, à crucificação, que é experimentada pelo desenvolvimento de outros centros em suas mãos e pés, onde o corpo vital é, então, separado do corpo denso.

Dissemos na narração tirada do Evangelho, que Pilatos colocou um letreiro na cruz de Cristo com as palavras: “*Jesus Nazarenus Rex Judaeorum*” e isto é traduzido normalmente como “Jesus de Nazaré, o Rei dos Judeus”. Mas, as iniciais INRI colocadas sobre a cruz representam os nomes em hebraico de quatro elementos: *Iam*, água; *Nour*, fogo; *Ruach*, espírito ou ar vital; e *labeshah*, terra. Esta é a chave oculta do mistério da crucificação, pois ela simboliza, em primeiro lugar, o sal, enxofre, mercúrio e azoto, que foram utilizados pelos antigos alquimistas para fazer a Pedra Filosofal, o solvente universal, o elixir vitae. Os dois “is” (*Iam e labeshah*), representam a água salina lunar: a - em um estado fluídico que contém sal em solução; b - o extrato coagulado desta água: o “*sal da terra*”; em outras palavras, os sutis veículos fluídicos do homem e seu corpo denso. N (*nour*) representa o fogo em hebraico, e os elementos combustíveis, entre os principais o *enxofre e o fósforo*, são muito necessários à oxidação, sem os quais o sangue quente seria impossível. O Ego, sem esta condição de calor no sangue não poderia funcionar no corpo, nem conseguiria uma forma de expressão material. R (*Ruach*) é o equivalente a espírito em hebraico, isto é, o *Azoth* dos alquimistas, que funciona na mente *mercurial*. Assim, as

quatro letras **INRI**, colocadas sobre a cruz de Cristo, de acordo com o relato dos Evangelhos, representam o homem composto, ó Pensador, no momento de seu desenvolvimento espiritual, quando começa a se libertar da cruz de seu veículo denso.

Ampliando mais a elucidação deste ponto, notamos que **INRI** é o símbolo do candidato crucificado pelas razões seguintes:

Iam, a palavra hebraica para **água**, o fluido ou elemento **lunar**, que constitui a maior parte do corpo humano (cerca de 87%). Esta palavra é também o símbolo dos mais sutis veículos fluídicos do desejo e da emoção.

Nour, a palavra hebraica para **fogo**, é a representação simbólica do calor produtor do sangue vermelho, que está carregado de ferro, fogo e energia do marcial Marte, e esse sangue é visto pelo ocultista como um gás circulando pelas veias e artérias do corpo humano infundindo-lhe energia e ambição, sem as quais não haveria progresso espiritual nem material. Também representa o enxofre e fósforo necessários para a manifestação material do pensamento, como já foi anteriormente mencionado.

Ruach, a palavra hebraica para indicar o **espírito** ou **ar vital**, é um símbolo excelente do Ego envolvido pela :ente mercurial, que torna o ser humano **homem**, capacitando-o a controlar e dirigir seus veículos corporais e suas atividades de uma forma racional.

Iabeshah, a palavra hebraica para **terra**, representando a parte sólida, a carne do homem, e forma o **corpo terrestre cruciforme**, cristalizado dentro dos veículos mais sutis ao nascer e separado deles ao morrer no curso normal das coisas, ou em um acontecimento extraordinário pelo qual aprendemos a morrer misticamente e ascender às gloriosas esferas superiores por uns tempos.

Este estágio do desenvolvimento espiritual do Cristão Místico requer uma reversão da força criadora de seu curso normal, donde normalmente desperdiça energia para satisfazer suas paixões, uma corrente dirigida para baixo através do tríplice cordão espinhal, cujos três segmentos são regidos, respectivamente, pela Lua, Marte e Mercúrio, e donde os raios de Netuno acendem o **Fogo Regenerador Espiritual da Espinha Dorsal**. Esta consciente elevação coloca em vibração o corpo pituitário e a glândula pineal, abrindo a visão espiritual. Isto golpeia o sinus frontal, o que dá início aos efeitos da **coroa de espinhos**; o latejar da dor à medida que a ligação com o corpo físico é consumida pelo **sagrado Fogo Espiritual**, que desperta este centro de sua milenar letargia, começando a vibrar em direção a outros centros na **estrela estigmatizada de cinco pontas**. Elas também são vitalizadas e todos os veículos iluminam-se com o “Dourado Manto Nupcial”. Então, num arranco final, o grande vórtice do corpo de desejos localizado no fígado fica livre, e a energia marciana contida nesse veículo impulsiona para cima o **veículo sideral** (assim chamado devido aos estigmas da cabeça, mãos e pés que estão situados na mesma posição dos da estrela de cinco pontas), o qual ascende através da **caveira** (Gólgota) enquanto o Cristão crucificado lança o grito triunfante: **“Consummatum est”** (está consumado), e começa a elevar-se às sublimes esferas siderais ao encontro de Jesus, cuja vida ele imitou com pleno êxito e de quem, desde então, é companheiro inseparável. Jesus é seu Mestre e seu guia para o reino de Cristo, onde todos estaremos unidos num só corpo para aprender e praticar a **Religião do Pai**, e onde no reino Ele possa ser Todo em Todos.